

# RECURSOS PEDAGÓGICOS

NO MUSEU DE ARQUEOLOGIA  
E ETNOLOGIA DA USP

Camilo de Mello Vasconcellos (Org.)



# RECURSOS PEDAGÓGICOS NO MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA DA USP

## UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

**Reitor:** Marco Antonio Zago

**Vice-reitor:** Vahan Agopyan

**Pró-reitora de Cultura e Extensão:** Maria Arminda do Nascimento Arruda

### MAE-USP

**Diretora:** Maria Cristina Oliveira Bruno

**Vice-diretor:** Paulo DeBlasis

**Divisão de Apoio à Pesquisa e Extensão:** Camilo de Mello Vasconcellos

**Divisão de Apoio ao Ensino:** Maria Cristina Nicolau Kormikiari Passos

**Recursos Pedagógicos em Museus:** o desafio da mediação dos acervos arqueológicos

### **Projeto aprovado pela PRCEU-USP no âmbito do Edital Preservação de Acervos e Patrimônio**

**Coordenação-geral:** Camilo de Mello Vasconcellos

**Confecção das maquetes:** Dayse de Andrade Tarricone – Maquetes e Acessibilidade

#### **Textos científicos:**

Astolfo Gomes de Mello Araujo

Camilo de Mello Vasconcellos

Carla Gibertoni Carneiro

Judith Mader Elazari

Márcia Lika Hattori

Maria Beatriz Borba Florenzano

Maria Cristina Oliveira Bruno

Marisa Coutinho Afonso

Maurício André da Silva

Paulo DeBlasis

Rafael de Abreu e Souza

---

Recursos pedagógicos no Museu de Arqueologia e Etnologia da USP /  
Camilo de Mello Vasconcellos, organizador. – São Paulo : Museu de  
Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2014.  
88 p. : fots. : color. ; 19 x 25 cm.

ISBN 978-85-60984-44-2

1. Arqueologia. 2. Educação em museus. 3. Maquetes táteis. 4.  
Recursos pedagógicos. I. Vasconcellos, Camilo de Mello. II. Universidade  
de São Paulo. Museu de Arqueologia e Etnologia.

---

Museu de Arqueologia e Etnologia da USP

Av. Professor Almeida Prado, 1466

Cidade Universitária

São Paulo – SP

05508 – 070

www.mae.usp.br

educativo.mae@usp.br

(5511) 3091 4905

**Camilo de Mello Vasconcellos (Org.)**

**RECURSOS PEDAGÓGICOS  
NO MUSEU DE ARQUEOLOGIA  
E ETNOLOGIA DA USP**

**1ª Edição**

**São Paulo  
Museu de Arqueologia e Etnologia  
2014**

# SUMÁRIO

---

Apresentação: As maquetes como instrumento de ensino e aprendizagem

**Maria Beatriz Borba Florenzano** ..... **7**

Apresentação:

**Maria Cristina Oliveira Bruno** ..... **9**

Introdução

**Camilo de Mello Vasconcellos** ..... **11**

O que é arqueologia

**Paulo DeBlasis** ..... **15**

Patrimônio, museus e arqueologia

**Camilo de Mello Vasconcellos** ..... **21**

A Arqueologia brasileira e o seu papel social

**Camilo de Mello Vasconcellos, Márcia Lika Hattori e Maurício André da Silva** ..... **25**

Casas subterrâneas: a arqueologia nas regiões Sul e Sudeste do Brasil

**Marisa Coutinho Afonso** ..... **29**

A cidade e a arqueologia urbana

**Rafael de Abreu e Souza** ..... **35**

Amazônia desconhecida: a ocupação humana milenar da floresta

**Carla Gibertoni Carneiro** ..... **41**

Lagoa Santa e o Sítio Lapa do Santo, formas de enterrar, viver e se expressar há 11 mil anos

**Astolfo Gomes de Mello Araujo e Márcia Lika Hattori ..... 47**

Orientações Gerais para o uso do Recurso Pedagógico

**Carla Gibertoni Carneiro, Judith Mader Elazari,  
Márcia Lika Hattori e Maurício André da Silva ..... 55**

*Kit* educativo das casas subterrâneas

**Carla Gibertoni Carneiro, Judith Mader Elazari,  
Márcia Lika Hattori e Maurício André da Silva ..... 59**

*Kit* educativo de arqueologia urbana

**Carla Gibertoni Carneiro, Judith Mader Elazari,  
Márcia Lika Hattori e Maurício André da Silva ..... 65**

*Kit* educativo da Amazônia central

**Carla Gibertoni Carneiro, Judith Mader Elazari,  
Márcia Lika Hattori e Maurício André da Silva ..... 71**

*Kit* educativo de Lagoa Santa

**Carla Gibertoni Carneiro, Judith Mader Elazari,  
Márcia Lika Hattori e Maurício André da Silva ..... 77**

**Referências bibliográficas..... 83**

**Referências gerais e específicas..... 84**



## APRESENTAÇÃO

# AS MAQUETES COMO INSTRUMENTO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

**É** com grande satisfação que, como diretora do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, apresento este projeto, de iniciativa do professor Camilo de Mello Vasconcellos, do nosso Museu, que tem como núcleo central a criação de uma série de maquetes e um volume de textos que vem dar apoio ao trabalho educacional a ser desenvolvido em torno delas.

Quando falamos de maquetes vem-nos imediatamente à cabeça a representação volumétrica de determinada realidade espacial: um prédio, um condomínio, um empreendimento imobiliário, uma casa, uma cidade. A maquete é, com efeito, uma reprodução em tamanho menor dessa realidade espacial. Construída em três dimensões, torna essa realidade espacial mais perceptível, de mais fácil apreensão e experimentação. Assim, se por um lado podemos dizer que o homem no seu cotidiano, ao movimentar-se de um lugar a outro, submete-se às dimensões, formas e funcionalidades do espaço que o rodeia, por outro, podemos afirmar com segurança que o envolvimento na construção de uma maquete permite uma experiência contrária, a de dominação do espaço. Ao construirmos uma maquete, subordinamos o espaço à nossa vontade, à nossa imaginação e concepção de ordem. A redução das proporções de um espaço que se obtém por meio da construção de uma maquete ou, como por



vezes é chamada, de um modelo, nos provoca a sensação de prazer na medida em que submetemos o espaço experimentado – que é fragmentado por força da nossa dimensão humana – ao nosso controle, à nossa manipulação. A reprodução em tamanho menor de uma realidade espacial muito maior transforma essa realidade em um espaço acessível no seu todo, fácil de ser subordinado e controlado pelo homem.

Vem daí o uso das maquetes como recurso educativo. Construindo ou projetando uma maquete o educador, necessariamente, escolhe os elementos que fazem parte do ensinamento que deseja transmitir; constrói uma realidade física pensada e interpretada que irá envolver o estudante nesta verdadeira magia de ter à mão um espaço ordenado e controlável.

Os textos que acompanham esse projeto e são agora publicados neste volume, oferecem, por meio de escrita acessível, mais alguns elementos que servem de suporte para o manuseio das maquetes por estudantes ou professores. Contribuem também na importante tarefa de mostrar como o passado do homem é recuperado por via da arqueologia e do estudo da cultura material.

Assim, como diretora do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, tenho enorme prazer em apresentar esta experiência encetada pelos educadores do museu. Experiência multifacetada que inclui, inicialmente, a reflexão aprofundada sobre temas como a arqueologia amazônica, a arqueologia pré-histórica brasileira e a recuperação de documentos materiais sobre a história recente da cidade de São Paulo e, também, a mobilização dessa reflexão na construção do conhecimento sobre o nosso passado. Em seguida, inclui a seleção dos elementos que dão vida a esses temas e merecem ser representados fisicamente nas maquetes e tratados nos textos didáticos que aqui se apresentam. Finalmente, virão sem dúvida a experiência de disponibilização das maquetes para um público maior e a avaliação dos resultados diante dos objetivos inicialmente propostos.

Por último, mas não menos importante, é imprescindível citar aqui o apoio irrestrito da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão de nossa Universidade a este projeto que potencializa os conhecimentos construídos em nosso Museu Universitário na prática cotidiana da extroversão.

**Maria Beatriz Borba Florenzano**

Diretora  
2010-2014

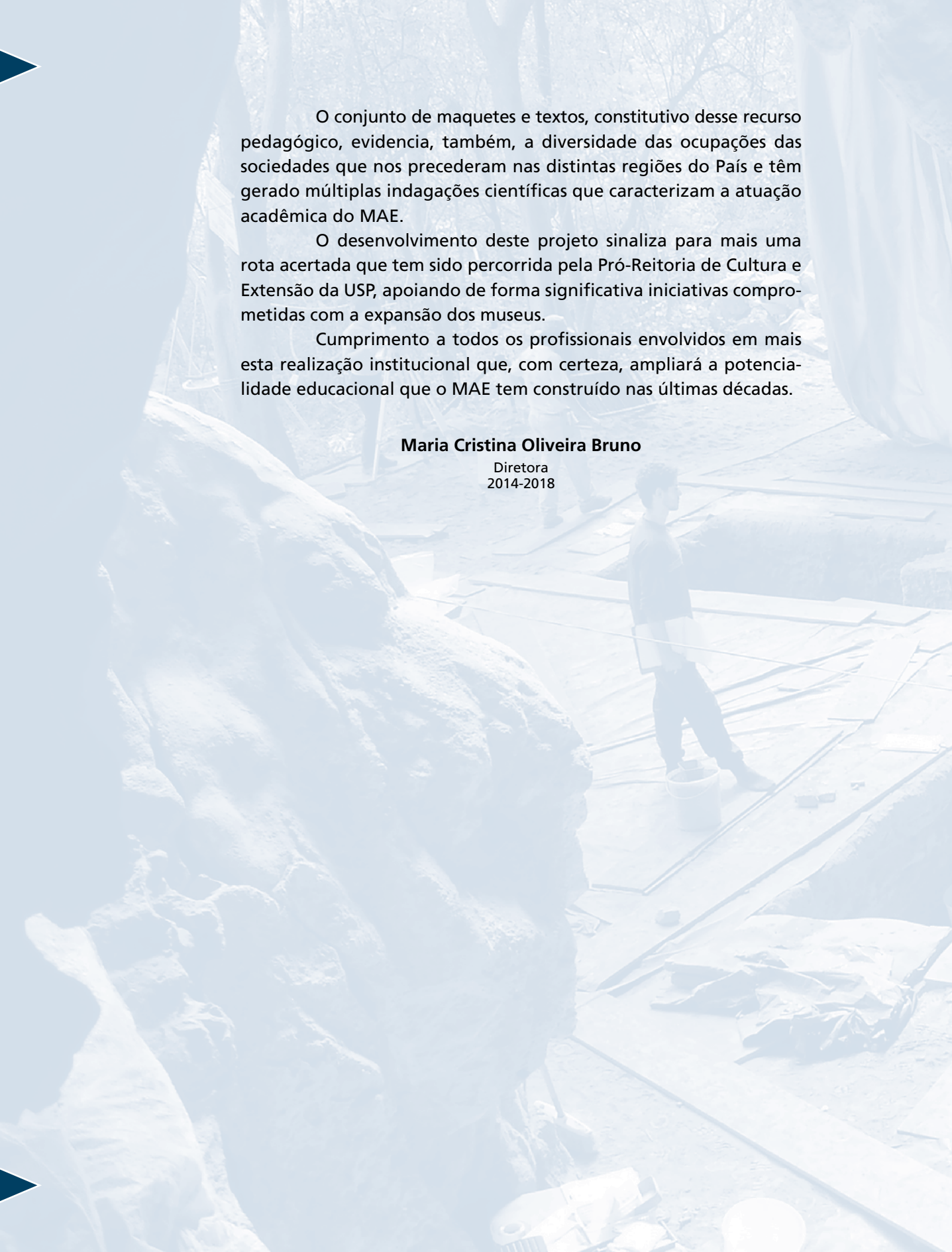
## APRESENTAÇÃO

**A**o elaborar um plano para submeter à comunidade de profissionais do Museu de Arqueologia e Etnologia, com vistas à gestão da Diretoria durante o período de 2014 a 2018, salientei a importância da expansão das conquistas institucionais em suas atividades de ensino, pesquisa e extensão.

O projeto ora apresentado representa uma dessas conquistas, que indica a continuidade inovadora das ações do museu que tanto têm contribuído para a qualificação da educação para o patrimônio, especialmente no que se refere às questões que envolvem a arqueologia e etnologia.

A elaboração de mais uma modalidade de recurso pedagógico dirigido para a divulgação das pesquisas em arqueologia brasileira, que busca ampliar a abrangência temática e a acessibilidade de forma e conteúdo, revela a maturidade institucional relativa ao conhecimento das necessidades de seus interlocutores, especialmente o segmento de público formado por estudantes e professores.

A valorização da maquete como eixo propulsor da fruição e da aprendizagem insere esse projeto em uma trajetória museológica que remonta ao século 19, quando os museus deram início à inserção de modelos, réplicas, reconstituições cenográficas, entre muitas outras possibilidades que têm garantido a democratização da informação.



O conjunto de maquetes e textos, constitutivo desse recurso pedagógico, evidencia, também, a diversidade das ocupações das sociedades que nos precederam nas distintas regiões do País e têm gerado múltiplas indagações científicas que caracterizam a atuação acadêmica do MAE.

O desenvolvimento deste projeto sinaliza para mais uma rota acertada que tem sido percorrida pela Pró-Reitoria de Cultura e Extensão da USP, apoiando de forma significativa iniciativas comprometidas com a expansão dos museus.

Cumprimento a todos os profissionais envolvidos em mais esta realização institucional que, com certeza, ampliará a potencialidade educacional que o MAE tem construído nas últimas décadas.

**Maria Cristina Oliveira Bruno**

Diretora  
2014-2018

## INTRODUÇÃO

**N**os últimos anos, as pesquisas realizadas por arqueólogos do MAE-USP nos estados do Amazonas, São Paulo, Minas Gerais e outros estados da federação têm trazido importantes subsídios para a compreensão do modo de vida de diversas populações do passado e de suas relações com as comunidades do presente. Para além dos avanços nas pesquisas, o MAE-USP salvaguarda acervos importantes de cada região, sendo necessária a sua democratização com o público visitante da instituição.

Assim, este projeto pretende contribuir com a socialização do conhecimento produzido pelas pesquisas arqueológicas realizadas pelo MAE-USP junto ao público escolar, visando a contribuir para a construção de uma educação dirigida para o desenvolvimento crítico do educando, tornando possível a sua participação na busca por informações nas mais variadas fontes e linguagens relacionadas aos temas da arqueologia brasileira.

Para a consecução de tal intento, concebemos a realização de quatro *kits* educativos que são integrados por maquetes táteis, objetos arqueológicos e uma publicação científica para a divulgação e discussão de temáticas relativas à arqueologia brasileira e sua abordagem educacional.

Nesse sentido, esse material visa, além de colaborar para o processo de socialização do conhecimento científico em arqueologia brasileira com materiais pedagógicos especiais, a contribuir com as pesquisas educativas em espaços formais e não formais a partir de

recursos pedagógicos concebidos especialmente para esse fim, expandindo a oferta de materiais educativos que tenham mobilidade e possam ser utilizados em atividades extramuros a partir da mediação de agentes multiplicadores.

Nesse sentido, esse conjunto de maquetes táteis representa sítios arqueológicos da região amazônica (no passado longínquo de populações indígenas e de uma comunidade ribeirinha dos dias atuais), de Minas Gerais (focando a rica região arqueológica de Lagoa Santa, a partir de questões relacionadas à arqueologia, em contextos de abrigos sob rochas, e aos aspectos simbólicos da morte), de uma casa subterrânea localizada no interior de São Paulo (que deixa marcas tão visíveis de ocupação por populações extintas) e, finalmente, de um sítio arqueológico histórico chamado Petybon (localizado na Vila Romana, subdistrito da Lapa, no município de São Paulo), escavado no ano de 2003 num local de produção de louças em faiança fina, no contexto de forte imigração italiana para a cidade no primeiro quartel do século 20).

Consideramos que todo material pedagógico deva provocar uma situação de aprendizagem que estimule o desenvolvimento de habilidades visando ao processo de aquisição de conhecimentos. A utilização desses recursos possibilita também facilitar o processo de aprendizagem, pois propicia o vivenciar de experiências concretas ao mesmo tempo em que desperta o interesse do educando por meio da manipulação de diversos suportes, nesse caso as maquetes e os artefatos arqueológicos.

Além disso, esse tipo de material possui um apelo lúdico que permite uma atitude favorável de interesse e entusiasmo, no sentido do enriquecimento da experiência pedagógica.

A utilização de materiais pedagógicos apresenta-se como essencial no processo de aprendizagem, pois permite que o educando seja estimulado a descobrir e estabelecer relações com o mundo que o cerca a partir dos diferentes elementos que compõem a estrutura desse tipo de recurso.

No caso específico dos museus e especialmente quando se trata de assuntos relacionados à arqueologia essa lacuna é enorme. Mesmo que o MAE tenha uma proposta de materiais pedagógicos em desenvolvimento há bastante tempo, ainda não possuíamos, até então, nenhum recurso específico dirigido para a temática da arqueologia brasileira que pudesse propiciar, junto ao público escolar, uma experiência de aprendizagem que fosse ao mesmo tempo lúdica e significativa.

Nesse sentido, a nossa proposta vem ao encontro não só de uma demanda atual do público escolar, bem como contribuirá efeti-

vamente para o aprofundamento do nosso papel social e educacional, missão inquestionável por parte de uma instituição museológica e universitária.

Dessa maneira, esse recurso possui amplo potencial educativo devido a sua capacidade de contribuir para as atividades extramuros dos museus e da universidade, pois a portabilidade desses materiais didáticos possibilita ainda que eles sejam levados para outros ambientes culturais e educacionais, tais como escolas, centro de vivências e centro culturais.

Este projeto só foi possível ser realizado graças ao apoio da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão da USP e aos esforços conjuntos das equipes que integram o MAE-USP, tais como a sua diretoria, docentes, educadores e alunos de pós-graduação, enfim, todos que acreditam no potencial educativo e social de nossa instituição e no alargamento de nossas fronteiras para além do espaço acadêmico.

Para todas essas equipes e aos educadores de espaços formais e não formais de ensino o nosso maior agradecimento, esperando que este recurso possa efetivamente alcançar os nossos objetivos aos quais nos propusemos nessa empreitada.

Bom trabalho e um abraço cordial a todos!

**Camilo de Mello Vasconcellos**

Docente do MAE-USP  
Coordenador-geral do projeto



*Escavação de sepultamentos  
por arqueóloga do MAE-USP  
(Sambaquí Joboticabeira II,  
Jaguaruna, SC).  
Foto: Paulo DeBlasis*

# O QUE É ARQUEOLOGIA

1



Paulo DeBlasis



**T**odo mundo tem uma ideia do que seja arqueologia. Ao serem indagadas, as pessoas geralmente evocam uma ideia romântica de arqueologia, envolvendo aventuras, tesouros e objetos exóticos em países longínquos, antigas cidades maias e os túmulos de faraós egípcios, entre outros achados espetaculares. Os estereótipos das aventuras dos arqueólogos explorando relíquias valiosas de antigas civilizações, sendo atacados por múmias (re)criadas pela indústria cinematográfica norte-americana só fizeram reforçar essas imagens, por vezes divertidas, mas quase sempre falsas, do trabalho do arqueólogo que, como seria de se esperar, é bastante diferente do imaginário criado em torno dele.

A arqueologia é habitualmente vista como uma disciplina dirigida para a compreensão dos estilos de vida e da evolução do gênero humano, por meio dos aspectos materiais de sua cultura. Trata-se, assim, de uma ciência humana, *mezzo* histórica *mezzo* antropológica, que visa a entender as sociedades humanas, muito especialmente aquelas do passado mais remoto, anteriores ao advento da escrita. Essas culturas anteriores à introdução da escrita só podem ser acessadas por meio dos vestígios materiais que essas deixaram nos locais em que viveram (chamados *sítios arqueológicos*), isto é, o que restou das coisas que as pessoas fabricaram e usaram ao longo da vida.

Assim, o que a arqueologia tradicionalmente faz é estudar sistematicamente esses remanescentes materiais de antigas socieda-



des (os quais chamamos de *registro arqueológico*) que se encontram enterrados no solo, em cavernas e abrigos rochosos, enfim, dispersos nas diversas paisagens do planeta, por toda parte por onde a humanidade tem passado. Os vestígios arqueológicos permitem compreender como essas sociedades viviam e se organizavam, quantos eram (demografia), de onde vieram (migrações), como se relacionavam com o meio ambiente (adaptação), suas bases econômicas e tecnológicas, por que desapareceram, e assim por diante.

É claro que, quanto mais antigos forem esses vestígios de antigas culturas, menos se encontram bem-preservedos, e mais difícil será compreender o modo de vida. Por exemplo, de um corpo sepultado em terreno aberto, depois de poucos anos sobrarão apenas os ossos; com mais tempo ainda, apenas os dentes, até não sobrar mais nada, a não ser que existam condições que possibilitem que esse corpo se fossilize. Por isso, para entender como os humanos se adaptavam aos ambientes antigos (restos associados à evolução humana podem alcançar mais de 4 milhões de anos), os arqueólogos precisam dialogar também com a geologia e o estudo dos paleoambientes (isto é, ambientes antigos).

Atualmente, a arqueologia adquiriu uma perspectiva mais ampla. Hoje, o foco de estudo são os diferentes ambientes do planeta e a sua historicidade. Como não existem paisagens que não tenham sido afetadas pela longa convivência com as sociedades humanas, os arqueólogos investigam de que maneira os grupos humanos ocuparam essas diversas regiões da Terra, modificando-as ao mesmo tempo em que se adaptavam a elas, em uma relação quase sempre longa e de influências e transformações mútuas.

Como os ambientes do planeta foram se transformando ao longo do tempo, assim como as sociedades humanas que neles viveram, a arqueologia, junto à ecologia, busca examinar essa longa história em que a espécie humana, ao mesmo tempo em que se adapta a esses diversos ambientes, os transforma de acordo com seu próprio interesse. Ao longo desse processo, deixa as marcas de sua presença, e as transformações que realizou, impressas na própria paisagem, na forma de objetos abandonados, que depois são enterrados com o tempo, ou mesmo construções duradouras, como os castelos da Europa medieval ou as fortalezas dos incas.

No entanto, os vestígios da presença humana vão além dos objetos e utensílios abandonados e casas e construções públicas (praças, templos, etc.) que as sociedades humanas deixaram, coisas essas que os arqueólogos chamam de *cultura material*. Os arqueólogos e ecólogos estudam vestígios bem mais sutis, como a variação da com-



*Cena de escavação  
no Abrigo Vermelho,  
Rondonópolis, MT.  
1998.*

*Foto: Paulo DeBlasis*

posição das formações vegetais ao longo do tempo, muitas vezes influenciada pela ação humana, ou a presença de níveis enterrados de carvão indicando queimadas, ou, ainda, modificações intencionais das formas naturais do terreno causadas por estradas, canais, etc. Com as modificações naturais (climáticas, erosão, etc.), essas modificações sutis, impressas na paisagem, informam aos pesquisadores de que maneira determinada região adquiriu a fisionomia que tem hoje, fruto tanto de mudanças naturais como de intervenções *antrópicas* (isto é, feitas pelo homem).

Assim, examinando esses vestígios, muitos dos quais sobrevivem longamente ao passar do tempo (chegando aos dias de hoje), os arqueólogos tentam entender a relação das sociedades humanas com os ambientes em que vivem, sua história e as maneiras como fizeram isso (tecnologia, economia, organização social, etc.). Para contar essas histórias vale tudo, desde vestígios impressionantes na paisagem, como as pirâmides egípcias ou os sambaquis, mas também evidências bem mais discretas, como restos de pequenos acampamentos de caça, ou sutis mudanças no perfil da vegetação de uma região. Os arqueólogos podem, assim, entender como determinados ambientes e o conjunto das sociedades que neles existem ou existiram (ou seja, a paisagem) evoluíram, em um processo de mudança e transformação em que a presença humana exerce sempre um papel ativo e dinâmico, nunca passivo.

Assim, a arqueologia hoje estuda a história do planeta de maneira total, atenta ao mesmo tempo ao impacto das mudanças ambientais (clima, vegetação, etc.) nas sociedades humanas, e como fizeram para elas se adaptarem, mas, principalmente, às maneiras como, por meio de sua criatividade tecnológica e da percepção do



*Pesquisadora analisando restos esqueléticos humanos em laboratório. São Paulo, SP.*  
Foto: Paulo DeBlasis

mundo à sua volta, essas sociedades transformaram o mundo, adaptando-o a seus próprios fins.

É por essa razão que a arqueologia não pode prescindir de um enfoque multidisciplinar, lidando tanto com as ciências da terra (geologia, geografia, climatologia, etc.), quanto com as ciências humanas (antropologia, sociologia, história), das quais, tendo no homem o foco de atenção, ela mesma faz parte.

Para alcançar seus objetivos, a arqueologia congrega uma variedade de metodologias. As mais conhecidas e diretamente ligadas ao trabalho do arqueólogo são aquelas direcionadas para a recuperação e análise da cultura material, vestígios deixados na paisagem (construções e sua arquitetura, antigas aldeias e os artefatos ali encontrados, etc.), pesquisados através de estudos de distribuição espacial (isto é, como se encontram dispersos em um dado território

e o que isso significa) e escavações, quando os arqueólogos recuperam vestígios mais antigos enterrados no solo.

Dessa forma, os arqueólogos estudam tanto as edificações (por exemplo, uma cidade antiga, um castelo medieval, etc.) quanto os artefatos (objetos fabricados e usados pelas pessoas) recuperados nas escavações, mas também estruturas impressas na paisagem, como antigos canais para transportar água, terraços para agricultura, solos enriquecidos artificialmente com a adição de materiais orgânicos, entre outras coisas. Assim, é difícil perceber, hoje, algum lugar do mundo que não tenha sido transformado, em maior ou menor grau, pela agência humana.

Com a expansão da arqueologia em grande escala por todos os países, e ao estudar os mais diversos ambientes, a arqueologia vem conseguindo, cada vez mais, detectar padrões de adaptação e transformação cultural, praticados pelas diferentes sociedades humanas ao longo do espaço e do tempo, em escala planetária. Dessa forma, vem se conseguindo examinar a correlação entre a história humana e os eventos macroambientais, a exemplo dos ciclos climáticos de larga escala, como nunca se fez antes, abrindo espaço para estudos de grande impacto e para perspectivas de planejamento futuro.

A arqueologia é, hoje, uma das mais importantes ciências humanas, lidando com dados antropológicos e ambientais de maneira integrada. Não apenas mostra a longa história do relacionamento humano com o planeta, como conduz a um profundo conhecimento dos seus ambientes e de como as tecnologias humanas os impactaram ao longo dos muitos milênios dessa história de convivência e transformações mútuas. Os estudos arqueológicos, integrados aos estudos de ecologia, mostram os caminhos da Humanidade até o presente e deixam, assim, indicações preciosas de como a caminhada para o futuro não pode ser irresponsável, mas baseada nos conhecimentos e no saber acumulados, nas experiências e sucessos, inclusive com os fracassos, ao longo desse extenso trajeto.



*Maleta para empréstimo da  
Maquete das Casas Subterrâneas.  
São Paulo, SP. 2014.  
Foto: Ader Gotardo (Acervo MAE-USP)*

# PATRIMÔNIO, MUSEUS E ARQUEOLOGIA

2



**Camilo de Mello Vasconcellos**



**N**os últimos 20 anos assistimos a um intenso debate acerca do conceito e das práticas relativas ao patrimônio em distintos campos do saber: na história, nas artes, na arqueologia, na sociologia, na educação e na museologia.

Ao mesmo tempo esse tema também assume importância por parte das autoridades governamentais e, ou, da iniciativa privada que implementam políticas públicas dirigidas para o tema do patrimônio cultural com diferentes perspectivas, inclusive aquelas relativas à exploração dos bens culturais numa perspectiva mercadológica.

Hoje ouvimos falar o tempo todo de diferentes categorias de patrimônio, como, por exemplo, patrimônio histórico, arqueológico, etnográfico, artístico, ecológico, científico, universal, nacional, tangível e intangível, genético, etc. É verdade que todas essas categorias são culturais, pois expressam valores coletivos, porém, considero que devemos iniciar pela conceituação do que entendo por patrimônio para posteriormente estabelecer os vínculos existentes entre esse campo de reflexão e ação com os museus e a arqueologia.

Patrimônio como categoria de pensamento está presente em diferentes culturas. Relacionado à noção de propriedade herdada, compreende tudo aquilo que recebemos dos nossos pais e, por isso, o patrimônio nos constitui, o que explica, em parte, o interesse por ele. De origem latina, *patrimonium*, se referia entre os antigos romanos a tudo o que pertencia ao pai, ao *pater familias*, pai de família. Esse conceito surgiu no âmbito do direito de propriedade

privada e esteve vinculado aos interesses aristocráticos da elite dirigente da Roma Antiga.

A partir da expansão do cristianismo e do predomínio da igreja especialmente na Idade Média, surgiu também o caráter religioso do patrimônio. Mesmo mantendo-se como categoria aristocrática, elevou-se à categoria de valores sociais compartilhados aos sentimentos religiosos, com a intenção de formar espíritos e adeptos dos valores cristãos e de seus templos e santos.

Na Renascença foram agregados valores e símbolos aos monumentos da cultura clássica enquanto marcos históricos e artísticos reforçados pelo humanismo nascente.

Para alguns estudiosos o patrimônio moderno pode ter origens no *Antiquariado*, cuja a prática existe até os dias atuais, na forma de colecionadores de antiguidades, que, em algumas vezes, acabam constituindo-se em museus privados.

Foi no contexto da Revolução Francesa de 1789 que se iniciou o moderno conceito de patrimônio e também de museu. A ideia fomentada pelo Estado Nacional Francês buscava fazer com que cidadãos compartilhassem a mesma origem, língua, cultura e o território. Daí a importância das instituições educacionais como a escola e o museu, no sentido de fomentar o sentimento de pertencimento à mesma nação no contexto do Iluminismo.

O que antes era tido como bens da nobreza passava agora a se constituir em bens do Estado Nacional e cabia a esse a sua preservação, no sentido de contribuir para a criação e invenção de uma memória que se queria nacional.

Em relação à questão dos museus, é necessário dizer que o patrimônio pode estar representado em diversos lugares, mas é no museu que ele encontra um local fundamental para ser exibido.

Os museus, herdeiros do ato de colecionar, possuem uma relação muito próxima com a arqueologia, uma vez que essa disciplina nasceu no interior dessas instituições e tiveram, inclusive, uma origem comum: os saques e as pilhagens que acabaram fomentando a formação de grandes coleções que, depois de longos processos históricos, acabaram se institucionalizando e chegaram até nós.

No Brasil, os museus arqueológicos, apesar de numerosos, ainda são pouco conhecidos, mesmo levando em consideração que os primeiros museus criados em nosso país ainda no século 19 (Museu Nacional, Museu Goeldi e Paulista) possuíam importantes coleções arqueológicas, porém, em um contexto de museus de História Natural, tendo as pesquisas das coleções de zoologia, botânica e geologia uma supremacia em termos de pesquisas no território nacional.



*Atividades educativas com a comunidade São Remo realizadas no laboratório de arqueologia do MAE-USP. São Paulo, 2014.*  
Foto: Acervo MAE-USP





Poderíamos discorrer a respeito desse desconhecimento, mas o fato é que devemos enaltecer o importante trabalho educativo que os museus com acervos arqueológicos vêm implementando atualmente em várias instituições museológicas, especialmente naquelas vinculadas às universidades de nosso país.

Além do atendimento cotidiano das escolas e de outras categorias de público a partir de diferentes projetos e programas educativos, os museus vêm estabelecendo relações muito profícuas, até mesmo com comunidades de seu entorno, por meio de projetos com preocupações inclusivas e colaborativas.

Nesse sentido, a arqueologia vem se aproximando de diferentes contextos, comunidades, e de programas de Educação Patrimonial vinculados às obras de grande impacto ambiental que ocorrem atualmente no Brasil.

A grande questão a ser discutida por esses programas e pelos museus de arqueologia passa por questões do tipo: O que deve ser preservado? Como? Por que e para quem? Afinal, estamos discutindo temas relacionados à memória e à identidade de nossa população.

Em um contexto frenético de arqueologia preventiva ou de contrato a arqueologia vem sendo lembrada, referenciada e acaba se estabelecendo uma relação com comunidades as mais variadas possíveis. Nesse sentido, a educação e os processos educativos são fundamentais, pois eles terão a primazia de envolver toda a equipe e as comunidades numa missão conjunta de preservação, conscientização e exercício de cidadania.

Tudo isso depende, em primeiro lugar, da democratização do conhecimento arqueológico e os museus de arqueologia podem se constituir num caminho profícuo para a necessária socialização e construção coletiva desse conhecimento.

A arqueologia é uma atividade que desperta muito interesse e o patrimônio arqueológico exerce grande atração junto ao público. Essa atração, quando bem conduzida pela educação, pode gerar processos muito participativos.

Para tanto, arqueólogos devem olhar a educação como uma forte aliada e os educadores devem ter na arqueologia um campo de pesquisa incomensurável na árdua missão de transformar a todos em defensores desse imenso patrimônio.

# A ARQUEOLOGIA BRASILEIRA E O SEU PAPEL SOCIAL

3

◇◇◇◆◇◇◇  
**Camilo de Mello Vasconcellos**  
**Márcia Lika Hattori**  
**Maurício André da Silva**  
◇◇◇◆◇◇◇

**A** arqueologia brasileira, assim como a arqueologia mundial, nas últimas décadas, tem criado outras formas de inserção na sociedade, devido aos avanços teóricos e metodológicos e as demandas de diferentes parcelas da sociedade. Buscamos neste texto trazer subsídios ao educador sobre os novos caminhos que a pesquisa arqueológica tem procurado em relação à sua função social ao repensar as construções de suas narrativas, a relação com diferentes comunidades e a sua prática.

Fazer arqueologia é refletir sobre o presente e o passado de determinada região e pesquisar como ela foi alterada e significada ao longo do tempo. Possibilita ainda pensar sobre os processos de continuidade e de mudança enfrentados pelos grupos na história de longa duração, assim como nós nos relacionamos ou não com esses legados. Dessa maneira nos permite entender os diferentes processos históricos, culturais, econômicos e sociais em um determinado espaço, intervir de forma engajada e diferenciada no presente ou mesmo idealizar outro futuro. A arqueologia no Brasil produz, especialmente, interpretações sobre o passado indígena, assim como de grupos que durante muito tempo não fizeram parte das narrativas “oficiais” (negros, ribeirinhos, garimpeiros, seringueiros, operários, quilombolas, mulheres, camponeses, entre outros), desempenhando um papel fundamental para a construção de leituras que marcam outros pontos de vista. Esses estudos contribuem para a valorização da diversidade cultural e para o fortalecimento do papel político desempenhado por diversas parcelas da sociedade no presente em prol de suas demandas e lutas específicas.



*Grupo de Trabalho formado para discutir que museu queremos durante a implantação do Museu Histórico e Arqueológico de Lins. Lins, SP.*

*Foto: Fundação Araporã*

Os trabalhos arqueológicos evidenciam um longo período de ocupação por grupos indígenas, com diferentes tipos de relações com o meio. Essas evidências mostram distintos processos sofisticados, assim como uma dinâmica cultural intensa. É a partir da construção de histórias alternativas, seja por uma história indígena de longa duração até o presente, seja em leituras na construção da história dos operários, por exemplo, que a arqueologia mostra a sua função social e o papel da ciência contemporânea.

Até hoje temos apenas uma lei que garante a proteção dos sítios arqueológicos (Lei nº 3.924, de 1961), fruto da mobilização de intelectuais que criaram uma série de ações para proteger os sítios e, nesse processo, destacamos a atuação do arqueólogo Paulo Duarte. A partir dos anos 1980 e com a Constituição Federal de 1988 temos o fortalecimento dos instrumentos legais direcionado ao patrimônio arqueológico. Os sítios arqueológicos passam a ser considerados como patrimônio cultural brasileiro, fortalecendo a sua guarda e proteção. No ano de 2002 a Portaria 230 do Iphan normatizou os estudos arqueológicos vinculados aos Estudos de Impacto e de Licen-



ciamento Ambiental<sup>1</sup>, que passariam a ter diferentes fases e ações, como o diagnóstico, prospecção e o resgate arqueológico, assim como as ações de educação patrimonial.

Com isso, as pesquisas arqueológicas cresceram exponencialmente no País, sobretudo aquelas vinculadas ao licenciamento ambiental. Tais estudos possuem um papel importante, pois avaliam os impactos de determinado empreendimento no patrimônio arqueológico e contribuem para a evidência de outros aspectos das populações do passado e do presente que ocuparam e ocupam a região alvo da pesquisa. A relação desses trabalhos com as populações locais são fundamentais, pois são elas que se relacionam diretamente ao patrimônio que é evidenciado e são elas que trazem outros sentidos ao mesmo. O patrimônio arqueológico, nesse sentido, pode servir como ferramenta para as problemáticas e lutas do presente.

*Leitura e validação da história oral de vida do ex seringueiro Maurício Martins Alves. Presidente Médici, RO.*

*Foto: José da Silva Garcia, 2013*

<sup>1</sup> Licenciamento Ambiental busca, a partir de uma série de estudos (Estudo de Impacto Ambiental – EIA), como o estudo da fauna, flora, da população local, do patrimônio arqueológico entre outros, medir os impactos ambientais que serão gerados na região.

Na contemporaneidade, novas linhas de pesquisas têm buscado lidar com problemáticas referentes às pesquisas arqueológicas e suas relações com o presente, como a **arqueologia colaborativa**, que parte da relação de colaboração com outros agentes envolvidos nas pesquisas. Busca-se um processo de trabalho conjunto no qual os objetivos dos trabalhos são construídos com todos os envolvidos. Essas pesquisas realizadas em conjunto desempenham um papel fundamental para se confrontar diferentes visões sobre o passado e a prática científica. No Mato Grosso, por exemplo, pesquisas com a perspectiva colaborativa estão sendo desenvolvidas. Segundo SILVA *et al* (2011), arqueólogos e a população indígena Asurini protagonizaram o projeto científico contribuindo com diferentes interesses e *expertises* na sua elaboração, organização logística, cronograma de atividades e na interpretação dos vestígios materiais encontrados. Dessa forma, os resultados da pesquisa ganham outros contornos compartilhados entre pesquisadores e populações indígenas.

Outra função dos resultados das pesquisas arqueológicas é possibilitar ao professor / educador abordar em sala de aula novas problemáticas sobre o passado, assim como temas relacionados à memória, representação, patrimônio, identidade, alteridade, entre muitos outros. É dessa maneira que apresentamos aqui os diferentes *kits* de maquetes e suportes e sugerimos aos educadores extrapolar a materialidade impressa nas mesmas para essas importantes discussões.

Cabe ressaltar que a arqueologia é uma área do conhecimento interdisciplinar por excelência (envolve as ciências humanas, naturais e exatas). Dessa forma, o educador em sua instituição pode inserir a discussão a partir da relação com outras áreas do conhecimento, propondo trabalhos conjuntos e integrados. Geralmente os temas da antiguidade, da ocupação da América, do período pré-colonial no ensino formal estão relacionados aos conteúdos do ensino fundamental (6º ano) e do ensino médio (1º ano). Momento interessante para a inserção do papel da arqueologia em sala de aula, entretanto, o educador pode abordar o tema em outras ocasiões e anos, correlacionando as pesquisas arqueológicas com outros temas.

A arqueologia ao longo do tempo tem se transformado e servido de muitas formas às demandas e anseios da sociedade. Atualmente podemos apontar que suas pesquisas têm se comprometido cada vez mais com a sociedade no sentido de fortalecer a sua diversidade, assim como mostrar as diferentes formas que a humanidade teve ao longo do tempo, mostrando que o nosso modo de vida não é o único nem o último a ser criado e inventado.

# CASAS SUBTERRÂNEAS: A ARQUEOLOGIA NAS REGIÕES SUL E SUDESTE DO BRASIL

4



**Marisa Coutinho Afonso**



Casas subterrâneas representam um tipo especial de sítio arqueológico localizado desde o sul do Estado de São Paulo (nos municípios de Itapeva e Barra do Turvo) até o Rio Grande do Sul. Suas pesquisas são importantes para se compreender a ocupação das regiões Sul e Sudeste do Brasil pelos grupos indígenas. Geralmente estão associadas a áreas altas do Planalto sul-brasileiro (com altitudes acima de 400 m), que apresentam inverno rigoroso; os grupos humanos teriam, então, construído ou aproveitado depressões já existentes na paisagem para se instalar e se proteger do frio.

Casas subterrâneas: o nome é motivo de discussão entre os arqueólogos. Há outros nomes usados como estruturas semissubterrâneas, estruturas subterrâneas, casas semissubterrâneas, buracos de bugres, etc. Isso porque nem sempre elas são “casas”, isto é, local de moradia das populações indígenas. Às vezes, tiveram outras funções, como cerimoniais ou de armazenamento de alimento. No entanto, segundo ROGGE e BEBER (2013), quase todas as casas que foram escavadas indicam o seu uso como habitação ou parte integrante de uma habitação. O termo “subterrâneo” é também problemático porque os grupos não construíram nada subterrâneo, apenas escavaram o solo ou aproveitaram depressões naturais no terreno para usar, construindo uma proteção com madeira e materiais vegetais.

Apresentam dimensões variadas, de 4 m a 20 m de diâmetro e profundidades de 1 m a 7 m. Observam-se formas circulares ou elípticas e é comum a localização de conjuntos de casas subterrâneas de várias dimensões e não de casas isoladas.

*Casa subterrânea na região de Itapeva (São Paulo): equipe (Sílvia, Luciane e Hélio) indicando os limites da casa subterrânea, 2004.  
Foto: Marisa Coutinho Afonso*



Figura 1

*Acervo do Instituto Anchieta de Pesquisas/ UNISINOS (São José do Cerrito)  
Foto: Instituto Anchieta de Pesquisas.*



Figura 2

Como as casas foram construídas? A escavação das casas subterrâneas pode ter sido realizada com a utilização de artefatos líticos de grandes dimensões, formando uma bacia. Para cobrir essa depressão, eram instalados suportes de madeira utilizando-se troncos de árvores que serviam como esteio. Sobre essa estrutura de madeira, colocavam-se folhagem para cobrir toda a área como se fosse o telhado de uma casa. Às vezes, os arqueólogos encontram buracos de esteio, isto é, marcas no terreno que mostram os locais onde os troncos de madeira, que se decompõem com o tempo, foram instalados, como estacas para suportar todo o telhado da casa subterrânea. Também são encontradas, principalmente nas casas

maiores, rampas ou escadas para se alcançar o interior da casa e facilitar seu acesso.

Que tipos de atividades os habitantes das casas subterrâneas realizavam? Os arqueólogos conseguem identificar as atividades realizadas dentro e fora das casas subterrâneas pelos vestígios encontrados nas escavações. Dentro das casas, nota-se que houve a preparação e o consumo de alimentos, além da produção de artefatos. São encontrados fragmentos cerâmicos, vestígios líticos e fogueiras, com muito carvão e cinzas, às vezes circundados por pedras, que apontam para o uso do fogo para a preparação de alimento, o aquecimento e a iluminação interna da casa. Em algumas foram encontrados vestígios de lascamento, isto é, houve o lascamento de blocos de pedras (rochas e minerais) para a confecção de artefatos líticos lascados (pedra lascada) e líticos polidos (pedra polida). Deveriam ter áreas para o descanso e para dormir também, além de locais para guardar artefatos e alimentos. Fora das casas foram realizadas muitas atividades, como a produção de artefatos, o processamento e o consumo de alimentos. Também praticavam a caça de animais e a coleta de pinhão.

As regiões do Planalto sul-brasileiro, onde as casas subterrâneas são localizadas, apresentam uma grande riqueza da fauna (cavivara, tatu, etc.) e da flora, que eram bastante aproveitadas pelas populações indígenas. Na flora, o destaque é o pinheiro-do-Paraná (*Araucaria angustifolia*), uma árvore extremamente importante porque suas sementes (pinhões) são aproveitadas por animais (como a bela gralha azul, importante para a dispersão das sementes) e também pelos homens, sendo um ótimo recurso alimentar até hoje.

São encontrados fragmentos de cerâmica da chamada tradição Taquara-Itararé que faziam parte de vasilhames de volume pequeno e paredes finas, sem decoração; artefatos líticos lascados como lascas; artefatos líticos polidos como o virote, que é uma ponta de projétil arredondada usada para atingir animais pequenos como macacos e aves de forma a não estragar pelos e penas. Embora não sejam encontrados objetos confeccionados com material orgânico, como madeiras e penas, é possível que tivessem cestos cargueiros e outros objetos confeccionados em fibras vegetais para transportar pinhão e outros recursos alimentares, artefatos plumários, esteiras e redes, que não se preservaram.

A construção das casas está associada aos grupos Jê meridionais, ou Jê do Sul, grupos conhecidos historicamente com Kaingang<sup>1</sup>

<sup>1</sup> No município de Tupã (São Paulo), o Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuíre, instituição da Secretaria de Estado da Cultura, tem como um dos objetivos pesquisar, preservar, valorizar e divulgar o patrimônio etnológico indígena, em especial o legado da cultura Kaingang.



e Xokleng. A origem dos grupos Jê está no Planalto Central e teriam migrado para o Sul há cerca de 3 mil anos.

Arqueólogos pesquisam as casas subterrâneas no Sul do Brasil desde a década de 1960 quando foram identificadas pelo arqueólogo canadense Alan Bryan. As discussões estão direcionadas para padrão de assentamento, função dos sítios, análises intrassítios, análise dos vestígios materiais. Em São Paulo, o reconhecimento e o estudo das casas subterrâneas ficaram limitados, durante muitos anos, ao trabalho de André Prous, que identificou algumas no município de Itararé. Mais tarde, Araujo fez o levantamento no alto vale do rio Paranapanema e KAMASE (2002) intensificou as pesquisas nessa região, principalmente no município de Itapeva (Figura 1). Uma destas casas apresentou vários fragmentos cerâmicos (Figura 2) e foi possível reconstituir a forma de um dos vasilhames em laboratório (Figura 3).

AFONSO e MORAIS (2002) localizaram uma casa subterrânea no município Barra do Turvo, no sul de São Paulo, quase fronteira com o Paraná. O sítio Barra do Turvo foi a única casa subterrânea localizada na Bacia do Rio Ribeira de Iguape e a primeira a ser escavada em São Paulo. Trata-se de uma estrutura de forma ligeiramente circular e com um buraco de esteio encontrado na parte mais profunda da depressão: um buraco de forma circular e 17 cm de diâmetro com solo rico em matéria orgânica do interior, produto do apodrecimento da madeira, e blocos de rocha usados para apoiar a estaca central. Foram encontradas também estruturas de combustão (fogueiras) e vestígios líticos.

As casas subterrâneas aparecem principalmente a partir do século 6º da nossa era, mas a cerâmica em torno do século 9º, tanto no planalto como no litoral, torna-se mais comum a partir do início do segundo milênio (ROGGE e BEBER, 2013). Apesar do estudo dessas casa ter começado na década de 1960, nos últimos dez anos houve uma intensificação de pesquisas e cada vez se conhece mais sobre essa ocupação tão importante das regiões Sul e Sudeste.



Figura 3

Vasilhame cerâmico da tradição Itararé,  
região de Itapeva (São Paulo). 2012.  
Foto: Marianne Sallum



*Maleta para o empréstimo da maquete de  
Arqueologia Urbana. São Paulo, SP. 2014.  
Foto: Ader Gotardo (Acervo MAE-USP)*

# A CIDADE E A ARQUEOLOGIA URBANA

5



Rafael de Abreu e Souza



**C**aminhar por um quarteirão e sentir o cheiro de bolachas produzidas por uma fábrica que não existe há mais de 60 anos. Viver em um mundo que parece descontrolado, difícil de compreender, segregado, com seus bairros, sotaques, identidades. Lugares que aproximam pessoas que não se conhecem, mas sabem que às segundas-feiras vai um virado à paulista; quartas, feijoada; quintas, macarronada. Viver na cidade evoca sensações que podem parecer díspares, paradoxais, distantes no tempo, mas vivas e atuais na memória, que afastam e unem. Querendo ou não, vivemos na cidade. Não uma cidade que se define como uma oposição ao rural, mas que é entendida pelos processos culturais e imaginários daqueles que nela habitam. A cidade não é a mesma para todos os seus habitantes. Como disse o poeta Garcia Monteiro, “cada pessoa tem uma cidade que é uma paisagem urbanizada de seus sentimentos”.

De fato, a cidade muda tanto no tempo como no espaço. E um mesmo espaço e um mesmo tempo podem conter diferentes sentidos para aqueles que por ali passam ou que ali residem. Um viaduto pode ser encarado como um local de passagem, insalubre e público para um morador de um prédio no bairro de Itaquera ou da Saúde, mas para um morador de rua, é sua vida privada, talvez domiciliar, onde pode se proteger das intempéries, guardar suas coisas pessoais.

A cidade é uma soma de temporalidades e sentidos. É mais do que um espaço físico, é um território, no qual o traçado das ruas coexiste com as memórias e com as relações afetivas que as pessoas através dele constroem. Os diferentes tempos da história desse território estão expressos e são constituídos pelas marcas materiais de seus inúmeros moradores. Casas, árvores, ruas, copos, pratos, urnas indígenas, cemitérios, grafites e pichações são a cultura material que existe e expressa a cidade. Atentos a essas mudanças, os arqueólogos passaram a ter interesse pelo mundo urbano, nas Américas ao menos, desde os anos 1970, dialogando com pesquisadores da história, da antropologia, da arquitetura e da sociologia. Conformava-se a chamada “arqueologia urbana”.

Essa subdisciplina da arqueologia relaciona-se a uma grande área que, desde os anos de 1960, consolidou-se no continente americano: a “arqueologia histórica”. Interessados em expandir as amarras cronológicas do que se entendia como “arqueológico”, englobando outros sujeitos, os arqueólogos entenderam que o estudo da cultura material poderia ir além do passado pré-colonial distante, da necessidade de estudos sobre o *outro* (em geral, o indígena), o estranho, o diferente, focando-se no próximo e no familiar (dos séculos 16 até a atualidade). A arqueologia poderia se refletir sobre sociedades e mundos conhecidos, realidades da qual os arqueólogos também faziam parte. O que dizer sobre épocas, pessoas e lugares conhecidos? Muito. A arqueologia pode colaborar com a produção de narrativas alternativas, outras histórias, diferentes daquelas construídas pela fala ou por documentos escritos. Afinal, todas as pessoas escrevem sobre si? Há fontes escritas sobre todos? Qual o sentido de histórias que contam apenas sobre alguns?

Debruçando-se sobre a cultura material e realizando incursões sobre outros períodos e pessoas, o arqueólogo chegou às cidades e a seus habitantes. Esse arqueólogo do asfalto, no primeiro momento, encarava a cidade apenas como um ambiente onde existiam sítios arqueológicos de diversos períodos, antigos ou recentes. Com os anos 1980 e 1990, a cidade passou a ser, ela mesma, arqueológica. Se a arqueologia estuda as expressões materiais humanas, não seria a própria cidade a maior expressão material do homem, como diria o geógrafo Milton Santos?

Tiveram início pesquisas de arqueologia *da e na* cidade, ora estudando sítios arqueológicos situados em ambiente urbano, ora a própria cidade, analisando sua materialidade, as coisas que a compõe, *sobre* ou *sob* a superfície. Os arqueólogos tiveram de desenvolver novos métodos. Como atravessar as camadas de concreto com

pincéis? Como lidar com quintais, lotes, muros? Como chegar aos locais de escavação usando metrô, ônibus? E os engarrafamentos? Com o tempo, passou-se a fazer também uma arqueologia *para* a cidade, trazendo à tona discussões e dados, por vezes, desconhecidos dos próprios moradores, memórias apagadas ou silenciadas. Notou-se, porém, que a arqueologia não era a dona da cidade, não sabia de tudo que ocorreu e ocorre no mundo urbano. Não seria seu papel levar a seus moradores o conhecimento sobre ela, já que esses vivem a cidade, fazem parte dela e vice-versa. Por isso, já no século 21, os arqueólogos do asfalto retornam ao urbano com preocupações de construir arqueologias *com* a cidade, em diálogos com seus habitantes, problematizando questões importantes, trazendo à tona tensões, conflitos e emoções.

A cidade de São Paulo e seus arredores formam, atualmente, uma das maiores conurbações urbanas do mundo. Esse lugar, que sempre atraiu pessoas, teve seus primeiros vestígios arqueológicos identificados ainda no século 19. Urnas indígenas nos bairros da Luz, Pari, Brás, Vila Deodoro, Mooca. Esqueletos foram, então, encontrados no Pátio do Colégio, na Liberdade, nos terrenos da fábrica Antártica. Mais tarde, ocupações de antigos caçadores-coletores no bairro do Morumbi, pontas de flecha na Sé, grandes aldeias de mais de 500 anos em Guarulhos.

Nos anos 1970, ocorria a primeira escavação de uma casa bandeirista, do século 18, no bairro do Jabaquara. A partir de 1979, essas casas e outros locais foram escavados sistematicamente por pesquisas do Museu Paulista e do Departamento de Patrimônio Histórico. Logo a presença do arqueólogo na cidade cresceu mais e mais. Seja em projetos de restauração, seja em obras, seja na universidade, a arqueologia urbana expôs tempos e pessoas que compunham e eram compostos pela cidade. Casas, quintais, ruas, trilhos de bonde, vilas operárias, adegas de vinho, estações de trem, fábricas de margarina, bicos, redes de água e esgoto, grafites, foram alvo de pesquisas arqueológicas.

Desde 1990, a cidade assiste à escavação de algumas fábricas, em trabalhos conhecidos como “arqueologia da industrialização”, na busca por estudar o processo de industrialização e sua relação com a produção e uso de diferentes bens e objetos, com o mundo do trabalho, a história operária e a mudança pela qual a cidade passou a partir do final do século 19 e ao longo de boa parte do século 20. Quantos na cidade não trabalharam em fábricas? Quantos não são descendentes de imigrantes que para cá vieram para tal? Greves, lutas, times de futebol, sindicatos, são fruto daqueles que viveram nas fábricas.

Uma dessas escavações foi realizada no sítio arqueológico Petybon, escavado em 2003 (Figura 1), parte de uma antiga fábrica de louças brancas conhecida como Fábrica de Louças Santa Catharina, que funcionou no bairro da Água Branca entre 1913 e 1937, quando passou a produzir alimentos. A fábrica de louça fora fruto dos esforços de uma família ligada à aristocracia do café, os Fagundes, e de um imigrante italiano, Romeo Ranzini, tendo sido comprada pela família Matarazzo em 1926.

Arqueólogos observam a primeira seleção dos artefatos do sítio Petybon, Água Branca, SP.  
Foto: Zanettini Arqueologia



Figura 1

As fábricas, nesse período, eram tidas como símbolo de modernidade pelas elites da cidade. Ocupavam terrenos, na época, distantes do centro urbano, em geral alagadiços, próximos de linhas férreas e de cursos d'água, como os rios Tietê e Pinheiros. Essa posição era privilegiada para escoar a produção, mas também para marcar até onde ia o mundo "civilizado" e onde começava o interior caipira. A imponência das fábricas, suas chaminés e largas colunas impunham essa fronteira.

A Santa Catharina trouxe à cidade um novo produto: a louça branca. Hoje, podemos pensar que ela é banal, corriqueira. Mas tudo tem seu tempo. A maior parte da população da cidade não tinha acesso à louça branca até que o Brasil passou a produzi-la, partindo de uma variação que é conhecida arqueologicamente como *faiança fina*. Pratos, xícaras, canecas, pires de produção nacional puderam ser consumidos por nova parcela da população, por seus preços mais baixos e sua estética que dialogava com demandas da sociedade local. Diferente da louça inglesa, nossa louça brasileira, quando decorada, apresentava padrões como flores de maracujá e margaridas (Figura 2).



As elites que pensavam projetos de modernidade para São Paulo, que gostariam de “europeizar” seus moradores, faziam planos para obrigar as pessoas a comportarem-se como gostariam. A fábrica de louça foi também aberta com esse objetivo. No entanto, como fábrica, não poderia deixar de produzir objetos que também eram caros aos moradores da cidade, cujos hábitos ainda não envolviam pratos e talheres, mas comer nas tigelas, beber seus caldos, pegar com as mãos. Por isso, a fábrica produzia diferentes tigelas, formas novas das velhas cuias, buscando conjugar tradição e modernidade. Muitas pessoas resistiam e mantinham hábitos diante das mudanças que se lhes impunha.

Não podemos deixar de falar daqueles que produziram esses objetos, aqueles que passavam 10, 12, 16 horas na fábrica, mulheres e crianças em sua maioria, moradores de vilas operárias, brasileiros e imigrantes que enfrentavam o cotidiano de um trabalho muitas vezes perigoso e pesado.

As louças em faiança fina eram produzidas pelo método de “colagem”: uma massa líquida derramada dentro de fôrmas de gesso

Figura 2

Variações das decorações das louças do sítio Petybom, Água Branca, SP. 2007.

Foto: Rafael de Abreu e Souza



dava forma às peças. Dali, eram queimadas (resultando nos *biscoitos*) para receberem pinturas ou esmaltes, para, então, a segunda queima torná-las impermeáveis e brilhantes. Durante esse processo, os operários controlavam a produção, para saberem quantas peças fizeram, cobrando seus salários no fim do dia, ou paravam para uma brincadeira, resistindo ao opressor cotidiano em que estavam. Fuligem, calor, horas e horas sem ver a luz do sol, fumaça, cobranças. Mas a vida seria só angústia? Pessoas resistem à opressão, ao cansaço, buscam táticas para burlar a disciplina, a ordem e a repressão. Artefatos encontrados no sítio Petybon, como fragmentos de biscoitos com inscrições a lápis e piadas, mostram que os trabalhadores riam, faziam amizades, brincavam e conseguiam tornar agradáveis sua vida na cidade.

E é isso que ainda ocorre. A Arqueologia Urbana pode nos auxiliar na compreensão deste fenômeno caótico e ordenado que chamamos “cidade”. Nos mostra que diversas pessoas e locais ganham diferentes sentidos. Histórias de vida se cruzam e permitem conhecer, lutar, viver, lembrar e amar, apesar das dificuldades. É o cheiro de bolacha, é o avô italiano, é o morador de rua, o campo de futebol, o novo prédio, o antigo galpão, o *shopping*, o grafite. E isso nem sempre está escrito. São outras narrativas e outras histórias construídas pela cultura material.

# AMAZÔNIA DESCONHECIDA: A OCUPAÇÃO HUMANA MILENAR DA FLORESTA

6



**Carla Gibertoni Carneiro**



**O**s olhos do mundo, atualmente, estão voltados para a Amazônia motivados em desvendar a complexidade que se manifesta especialmente na diversidade ambiental da região. As referências à região amazônica estão, geralmente, associadas a qualitativos como: “pulmão do mundo”; “natureza intocada”; “última fronteira”, só para citar alguns exemplos; todos, no entanto, revelam a ausência da interferência humana na constituição desse cenário. No mesmo sentido, ainda podemos atribuir-lhe uma perspectiva de “salvação” da humanidade, uma vez que muitos recursos “naturais” necessários para a sobrevivência do planeta estão ali localizados e disponíveis.

Esse olhar, entretanto, vem sendo desconstruído e modificado à medida que pesquisas são realizadas nesse território, especialmente os estudos arqueológicos.

A arqueologia da Amazônia não é tão recente. Pesquisadores nacionais e estrangeiros, desde meados do século 19, buscam compreender como populações humanas ocuparam e enfrentaram a grandiosidade e os desafios da floresta. Muitas linhas de investigação se constituíram desde então, configurando diferentes caminhos interpretativos.

Embora reconhecendo essa tradição de pesquisas, os estudos realizados até o momento ainda estão muito distantes de concluir um panorama completo de explicações sobre os modos de vida pretéritos na região. É importante, dessa forma, frisarmos que

as informações apresentadas sobre alguns aspectos das ocupações humanas, aqui sugeridos, têm um caráter de hipóteses que poderão ser reformuladas com o avanço das pesquisas.

Há diferentes formas de compreender o passado, no entanto, o que hoje parece ser de senso comum entre as equipes que pesquisam a Amazônia é o reconhecimento sobre o manejo humano milenar que foi desenvolvido na região, ou seja, a diversidade ambiental da floresta e dos modos de vida ali presentes foi se constituindo à medida que os diversos grupos humanos foram apropriando-se e transformando os territórios habitados. Nesse mesmo sentido é importante salientarmos a nossa opção em considerarmos o grande compromisso dos estudos arqueológicos na região para a configuração de sua história indígena em uma perspectiva de longa duração. Esse caminho é eminentemente político, uma vez que traz à tona o reconhecimento e a valorização das populações indígenas ali presentes há milênios.

Cabe ressaltar o que consideramos por estudos arqueológicos. Geralmente a arqueologia é associada ao estudo do passado, no entanto, os arqueólogos estudam o presente. Os sítios arqueológicos são encontrados no presente e possibilitam interpretações do que podem ter acontecido na mesma região em épocas remotas. É também importante compreender as diversas formas que motivam as populações contemporâneas a estabelecer relações com patrimônio arqueológico incorporando-o nas suas dinâmicas sociais e culturais.

O conjunto de maquetes produzido para apresentar a arqueologia amazônica pretende navegar nesse rico universo, desde as possíveis interpretações sobre a transformação do território pelas populações indígenas no passado até a convivência e apropriação dos vestígios arqueológicos pelas populações locais no presente.

Assim, escolhemos representar a região da Amazônia central uma vez que está relacionada à trajetória de pesquisas desenvolvidas pelo MAE/USP. Desde 1995, constituiu-se o Projeto Amazônia Central, coordenado pelo arqueólogo Eduardo Góes Neves, que durante mais de 15 anos, com uma equipe multidisciplinar de pesquisadores nacionais e estrangeiros, vem contribuindo com avanços significativos para o conhecimento da arqueologia amazônica. Pode-se considerar Amazônia central a região situada ao longo de ambas as margens do Rio Amazonas, entre a foz do Rio Japurá e a foz do Rio Madeira.

Como dissemos anteriormente, o que há em comum nas interpretações sobre o passado indígena da Amazônia é que as populações humanas que lá viveram há pelo menos 10 mil anos antes

do presente transformaram sobremaneira seus territórios. Há muitos vestígios, de diversas naturezas, que conduzem os arqueólogos a proporem essas explicações. Geralmente associam-se a vestígios arqueológicos os artefatos, ou seja, objetos inteiros ou fragmentados que foram produzidos e utilizados por esses povos no passado; no entanto, outros registros são igualmente importantes, como amostras de solo, restos de flora e fauna, construções de terras, entre outros, uma vez que são também testemunhos sobre esses modos de vida.

As variadas formas de ocupação humana na região amazônica estão profundamente relacionadas às dinâmicas ambientais; um dos aspectos que afetam sobremaneira a forma de ocupação dos territórios é a grande variação no regime de chuvas durante o ano, especialmente nos períodos de cheia e seca, que se refletem na variação dos níveis de água dos rios.

O cenário aqui apresentado pelo conjunto de maquetes refere-se a uma ocupação em área de várzea, ou seja, comunidades que se formaram em uma área adjacente ao leito de um grande rio.

Os antigos habitantes da região, pelo modo de vida adotado, transformaram seu território. São muitos os registros que evidenciam essas várias formas que as populações indígenas adotaram para ocupar seus lugares. Cabe ressaltar algumas dessas formas.

Uma categoria de vestígios que aparece em grande abundância por toda a região amazônica é a de artefatos cerâmicos, ou melhor, fragmentos de artefatos cerâmicos. Esses possibilitam o levantamento de hipóteses sobre alguns aspectos do modo de vida dessas populações. Por exemplo, por meio dos diversos padrões decorativos, misturas na argila (cauxi, caraipé, cacos moídos), tipos de queima, é possível estabelecer uma variação no tempo e propor uma cronologia de ocupação; a circulação desses padrões por outras regiões pode também indicar expansão territorial de determinados grupos culturais, redes de troca ou outras formas de intercâmbio. Quando são encontrados artefatos inteiros ou fragmentos que possibilitem a reconstrução dos mesmos, podem-se levantar hipóteses relativas a atividades cotidianas relacionadas ao uso dos objetos como, por exemplo, tigelas para preparar e armazenar alimentos; assadores para o preparo da farinha de mandioca; grandes vasos para os sepulcros humanos, entre muitas possibilidades.

Outro exemplo dessa ocupação antiga é a construção de montículos. Montículos são estruturas de terras, constituídas pelo acúmulo desse sedimento com fragmentos cerâmicos, formando montes de tamanhos variados. Os arqueólogos procuram compreender os motivos que levaram à construção dessas estruturas. Os

dados arqueológicos apontam para diferentes explicações. Na região da Amazônia central as escavações, em distintos lugares, evidenciaram desde a atribuição a um cemitério indígena, no local onde se identificou aproximadamente 20 indivíduos sepultados, até a vinculação a áreas de habitação, devido à presença de feições de esteios de casa, áreas de descarte associadas, que podem ser identificadas como lixeiras, entre outros elementos. Assim, propomos que de fato não houve uma única intenção para a construção dessas estruturas, cabe aos arqueólogos analisar os vestígios nos contextos específicos onde surgem.

Outra evidência muito perceptível está relacionada à transformação dos solos, ou, mais precisamente, à formação da terra preta de índio, como hoje é comumente chamada pelas populações locais.

A formação das terras pretas de índio está associada ao padrão de assentamento de aldeias sedentárias em várias regiões da Amazônia. Restos de fogueiras, alimentos (ossos de animais, cascas de frutas), dejetos (fezes e urina) acumulados durante vários anos e décadas provavelmente estão na base de constituição desses solos; assim, são considerados antropogênicos, ou seja, os resultados de pesquisas recentes indicam que foram constituídos a partir de ações cotidianas dos povos do passado. As pesquisas arqueológicas realizadas na região da Amazônia central indicam que as terras pretas mais antigas são do período de 1.400 AP (antes do presente). Atualmente,

*Escavação de  
montículo artificial  
com sepultamentos.  
Sítio Hatahara.  
Iranduba, AM.  
Foto: Val Moraes*



consideram esses solos importante fonte econômica, na medida em que, dada a sua fertilidade, são procurados para áreas de plantio.

Alguns indícios da ocupação humana na região amazônica aqui apresentados evidenciam múltiplas maneiras que os povos indígenas, desde um passado remoto, adotaram para ocupar seus territórios, que influenciaram e influenciam outros grupos culturais nas possibilidades de manejo da floresta. Atualmente, é muito comum comunidades e até mesmo grandes cidades estarem localizadas sobre sítios arqueológicos. Isso nos coloca uma questão, especialmente, relacionada à preservação dos vestígios arqueológicos, uma vez que novas e sucessivas ocupações muitas vezes implicam a destruição de tais testemunhos; por outro lado, o fato de haver uma convivência direta com esses registros aproxima moradores desse passado e provoca diferentes formas de incorporação desse patrimônio nas dinâmicas sociais atuais.

Assim, propomos um caminho de reflexão apoiado no reconhecimento do patrimônio arqueológico como um elo importante entre passado e presente. É uma possibilidade para envolver as comunidades nas discussões que buscam compreender a história da ocupação humana regional e possibilitam a constatação dos conhecimentos desenvolvidos por essas populações pretéritas no manejo e na modificação da paisagem local, muitos desses continuados /renovados /transformados pelas populações contemporâneas.

*Reapropriação de artefato arqueológico na comunidade Lauro Sodré – Coari (AM), 2007.*

*Foto: Val Moraes*





*Detalhe da maquete tátil escavação  
no sítio arqueológico Lapa do Santo.  
São Paulo, SP. 2014.  
Foto: Ader Gotardo (Acervo MAE-USP)*

# LAGOA SANTA E O SÍTIO LAPA DO SANTO – FORMAS DE ENTERRAR, VIVER E SE EXPRESSAR HÁ 11 MIL ANOS

7

◇◇◇◆◇◇◇◇  
**Astolfo Gomes de Mello Araujo**  
**Márcia Lika Hattori**

◇◇◇◆◇◇◇◇

**A**tualmente, o Brasil tem produzido uma das mais importantes interpretações sobre a ocupação humana no continente americano. Esse conhecimento tem sido popularizado por um nome em particular, Luzia, uma mulher que viveu há cerca de 11 mil anos. Quem folheia livros didáticos, jornais e revistas que falem sobre a história do Brasil pré-colonial frequentemente se depara com a história dos grupos de Lagoa Santa.

Há muito tempo a história de Lagoa Santa tem sido pesquisada e contada, tanto por acadêmicos como por não acadêmicos. Desde o século 19, pesquisadores vão até o local desenvolver seus projetos de paleontologia e arqueologia, dando a Lagoa Santa o título de um dos locais mais antigos a ter sido realizadas pesquisas do tipo no Brasil! Mas, afinal de contas, o que é Lagoa Santa? Uma região, um sítio arqueológico, um município? Por que Lagoa Santa tornou-se tão popular na mídia? Enfim, quem é Luzia?

O nome “Lagoa Santa” é usado, hoje, com diferentes significados: para os administradores do País, o nome pertence a um município da região metropolitana de Belo Horizonte, em Minas Gerais; para os gestores e ambientalistas, Lagoa Santa é o nome de uma área de proteção ambiental (APA Carste), criada nos anos 1990, que



compreende outros municípios<sup>1</sup> além do próprio município de Lagoa Santa; por fim, para os arqueólogos, Lagoa Santa refere-se a uma vasta região arqueológica cujos limites ultrapassam os do município de Lagoa Santa.

Quem caminha pela região comumente se depara com grandes paredões de pedra que podem atingir até 50 metros de altura e algumas centenas de metros de extensão, formados por rochas calcárias que formam inúmeros abrigos, cavernas, sumidouros<sup>2</sup> e grandes áreas abertas próximas a lagoas e rios. A região é cortada pelo Rio das Velhas, o principal afluente do Rio São Francisco, o velho Chico, e, dominada pelo cerrado. Durante inúmeras etapas de campo, que sempre ocorriam no período de seca, era comum ver seriemas correndo no meio da estrada, lagartos teiú, macacos-prego próximos aos sítios arqueológicos e também bois e vacas nas grandes fazendas.

## DE ONDE VIEMOS?

Mas o que isso tem a ver com Luzia? Por que há tantos estudos desenvolvidos nesse lugar e durante tanto tempo?

Para os arqueólogos, a região de Lagoa Santa tem alimentado importantes discussões sobre o povoamento das Américas e quem foram seus primeiros habitantes. De onde vieram? Como era sua vida? Como chegaram aqui? Walter Neves e outros pesquisadores, com base no estudo de esqueletos, objetos, na relação entre esses e desses com o ambiente (ao que os arqueólogos denominam, geralmente, “remanescentes humanos”, “cultura material” e “contexto”), têm proposto interpretações e modelos para melhor compreender como os primeiros seres humanos chegaram e se estabeleceram nesse território.

Segundo o modelo defendido por esse grupo de pesquisadores, dois componentes biológicos do *Homo sapiens* vieram do nordeste da Ásia e entraram no continente americano a partir de duas levas migratórias distintas. A primeira teria ocorrido antes de 14 mil anos, composta por indivíduos semelhantes aos africanos e australianos, portanto, bastante diferentes das populações indígenas que conhecemos atualmente (descendentes de outra leva, ocorrida há 12 mil anos). Durante escavações nos anos 1970, foram encontradas partes de esqueletos dessas pessoas e, anos mais tar-

<sup>1</sup> Pedro Leopoldo, Matosinhos, Prudente de Moraes, Vespasiano, Funilândia e Confins.

<sup>2</sup> Sumidouro é uma abertura natural que se liga com uma rede de galerias por onde um curso d'água entra no subsolo

de, um deles mostrou ser de uma mulher, batizada pelos arqueólogos de Luzia. O grupo humano ao qual pertenceu Luzia passou a ser chamado de “o povo de Luzia”.

Esse modelo, no entanto, coexiste com interpretações alternativas sobre a ocupação da América, baseada no estudo de outros sítios arqueológicos. Alguns propõem modelos que sugerem a chegada de grupos humanos ao continente pelo mar, em especial por vias marítimas, que partiram da África e da Austrália.

Tais pesquisas têm levantado diversas questões: quem foram as pessoas que ocuparam inicialmente esse continente? Não seria simplista pensarmos que todas chegaram ao mesmo tempo e que pertenciam a um único grupo humano? Maior conhecimento sobre esse processo tem contribuído igualmente para a falsa imagem de homogeneidade dos grupos indígenas atuais, física, cultural ou simbólica. A descoberta da chegada de Luzia à América traz novos problemas à pauta.

## COMO VIVIAM?

Os grupos humanos que viveram na região de Lagoa Santa há cerca de 11,5 a 10 mil anos podem ter encarado situações climáticas e ambientais muito distintas das atuais. Pesquisas recentes desenvolvidas no local indicam que o clima era mais seco e talvez mais frio do que o atual (NEVES e PILÓ, 2007).

Esses grupos possuíam grande mobilidade, deslocando-se no interior de um território já conhecido, por eles “mapeado”, em termo de conhecimentos sobre os recursos naturais e também de significados dados a diferentes locais. Com uma relação com o ambiente distinta das sociedades urbanas atuais, esses indivíduos recorriam à mobilidade como estratégia para impedir a exaustão das fontes locais disponíveis.

Sua alimentação era baseada fortemente em cervídeos (*Mazama americana*, *Ozotocerus bezoarticus*), queixadas (*Pecari tajacu*, *Tayassu pecari*) e alguns gastrópodes terrestres (como o *Megalobulimus oblongus* e o *Drymaeus sp.*). Diferentemente da imagem do senso comum, os moradores de Lagoa Santa nessa época não se alimentaram frequentemente dos grandes mamíferos ainda existentes, a chamada megafauna. Viviam quase exclusivamente da caça e da coleta, desconhecendo o cultivo de vegetais e a fabricação de vasilhames cerâmicos, habitando muitas vezes os abrigos disponíveis na região, também os utilizando para enterar seus mortos. Possuíam, no entanto, ferramentas de pedra (os



*Fotos de parte do  
sítio arqueológico  
Lapa do Santo.  
Pedro Leopoldo, MG.  
Fotos: Astolfo Gomes  
de Mello Araujo*



chamados “líticos”, pedras lascadas) e, certamente, outros objetos que não puderam ser conservados nos locais por onde passaram.

Um dos principais locais que têm possibilitado o estudo da vida e dos aspectos simbólicos desses grupos é o sítio arqueológico Lapa do Santo. Trata-se de um abrigo que possui entrada abrigada de uma caverna com 70 metros de comprimento e 20 metros de largura e compreende uma área de aproximadamente 1.300 m<sup>2</sup>. As primeiras visitas ao local pelos pesquisadores já mostravam ossos humanos fragmentados encontrados na superfície. O local começou a ser escavado em 2001 e até hoje segue sendo escavado.<sup>3</sup>

Mas o que seria esse espaço? Qual a importância desse sítio arqueológico já que existem tantas informações e dados sobre essa região e esses grupos?

Um lugar pode ter inúmeros usos: podemos olhar para ele e vislumbrar um bom abrigo para se esconder da chuva; outra pessoa pode passar e entender aquele local como um espaço para moradia por determinado período; e outros ainda olharão para esse mesmo lugar e dirão que é sagrado, local de enterramentos de parentes e conhecidos... São essas questões que permeiam a interpretação dos arqueólogos sobre esse sítio onde encontramos restos de alimentação, instrumentos líticos, figuras de humanos e animais gravadas e pintadas nas paredes e no chão, além de inúmeros sepultamentos (mais de 30).

A partir dos estudos algumas interpretações foram geradas. Uma delas está relacionada a como aquele lugar foi formado. O solo onde os pesquisadores caminham dentro do abrigo é todo produzido por cinzas de fogueiras. Isso significa que no início da ocupação humana nesse lugar (há mais de 11 mil anos) as pessoas caminhavam quatro metros abaixo do que hoje, século 21. Então, quando realizamos escavações no Lapa do Santo, a maior parte da terra é toda de cinzas, produzida pelas sucessivas ocupações que ocorreram no abrigo.

Outra grande contribuição são as interpretações geradas sobre as práticas funerárias desses grupos. Ao conhecer as práticas funerárias podemos entender ou acessar aspectos simbólicos – toda a prática funerária realizada é simbólica e cheia de significados. Uma das pesquisas desenvolvidas mostrou que há diversos pa-

<sup>3</sup> A primeira equipe era constituída por pesquisadores do Laboratório de Estudos Evolutivos Humanos (LEEH) da USP, coordenada pelo Prof. Dr. Walter Alves Neves. Atualmente, pesquisas são desenvolvidas por equipe coordenada pelo pesquisador André Meneses Strauss do Instituto Max Planck.

*Um dos sepultamentos secundários encontrados no Sítio Lapa do Santo, mostrando um crânio humano com ossos das mãos, escápula e ossos longos serrados. Datado de mais ou menos 8.660 anos atrás. Pedro Leopoldo, MG.*

*Foto: Laboratório de Estudos Evolutivos Humanos (LEEH/IBUSP)*



drões encontrados e remetem às mudanças ao longo do tempo de quem ocupou o abrigo rochoso. Mas um padrão de enterramento ficou muito evidente, em especial, relacionado à data de mais ou menos 9 mil anos atrás: a alta frequência de enterramentos secundários, pequenas placas de calcário utilizadas para cobrir, marcar o enterro em covas, covas rasas, perturbação frequente de enterros anteriores para acomodar novos cadáveres, uso extensivo de ocre vermelho e queima parcial de ossos.

Ressalta-se que tais estudos, em especial com remanescentes humanos e outros artefatos considerados sagrados, têm sido fundamentais também para os arqueólogos e outros profissionais refletirem sobre sua própria prática. No caso da arqueologia, em alguns países existem leis de proteção e repatriação de remanescentes humanos vinculados aos grupos indígenas (ver Nagpra<sup>4</sup>) e relacionados diretamente com a luta dos movimentos indígenas em busca de respeito e ética nas pesquisas. Em museus, por exemplo, tais materiais só devem ser adquiridos e pesquisados se puderem ser preservados com segurança e tratados com respeito e dignidade, resguardando os interesses e crenças das comunidades, grupos religiosos ou étnicos dos quais os mesmos, quando conhecido, se originaram (ICOM, 2004).

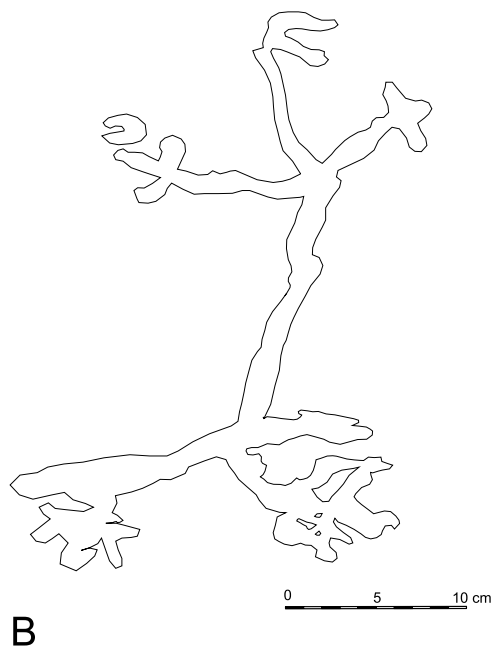
<sup>4</sup> O Nagpra é uma lei federal norte-americana de 1990 que prevê a repatriação de artefatos e remanescentes humanos para descendentes, grupos indígenas e organizações e protege locais significativos culturalmente para determinadas populações. A partir dessa lei, pesquisadores passaram a consultar descendentes e grupos indígenas, possibilitando mudança na prática arqueológica nos EUA.

Em uma das partes do Sítio Lapa do Santo se escavou mais de 4 metros de profundidade e, quando chegamos ao fim, havia alguns blocos de rocha. Em um desses blocos foi encontrada uma gravura rupestre feita por picoteamento e apresentou idade mínima de 10.500 anos AP (antes do presente), podendo ser considerado o exemplar de arte rupestre datado mais antigo das Américas. A datação foi feita por um carvão encontrado alguns centímetros acima do bloco que estava enterrado.

Figuras similares foram encontradas em outros abrigos da região: a Lapa do Ballet e a Lapa das Caieiras. Esses registros rupestres são expressões culturais e podem se refletir nas relações com a paisagem e o uso das mesmas.

Tais reflexões sobre as práticas funerárias, cotidiano, comportamento e formas de expressão do passado possibilitam que possamos olhar para o nosso presente e olhar criticamente a nossa própria sociedade e o lugar em que vivemos.

*A gravura encontrada.  
Sítio arqueológico  
Lapa do Santo. Pedro  
Leopoldo, MG.  
Foto: Astolfo Gomes  
de Mello Araujo*





*Detalhe da maquete tátil da área  
externa das casas subterrâneas.  
São Paulo, SP. 2014.  
Foto: Ader Gotardo (Acervo MAE-USP)*

# ORIENTAÇÕES GERAIS PARA O USO DO RECURSO PEDAGÓGICO

8



**Carla Gibertoni Carneiro**

**Judith Mader Elazari**

**Márcia Lika Hattori**

**Maurício André da Silva**



## **PREZADO EDUCADOR,**

O recurso pedagógico aqui apresentado, composto por maquetes táteis e artefatos arqueológicos, tem por objetivo geral possibilitar o contato de diferentes públicos com o acervo arqueológico e com os conhecimentos produzidos pelo MAE/USP.

Os materiais propõem desafios que envolvem o olhar, o observar, o sentir, o questionar, o investigar, o comparar, entre outras habilidades, proporcionando a produção de diversos saberes em espaços educativos. Diferentes leituras, usos e apropriações desses recursos permitem reflexões sobre o nosso próprio modo de vida e a maneira como nos relacionamos com os diversos legados culturais.

Todo material pedagógico estimula situações de aprendizagem entre os envolvidos e possibilita espaços de trocas de saberes. A utilização de recursos como esses, enriquecem as atividades educativas, pois propiciam vivenciar experiências concretas e estimula o educando a descobrir e estabelecer relações com o mundo que o cerca, a partir dos diferentes elementos que o compõem.

Indicaremos a seguir algumas propostas gerais para o conjunto desse recurso pedagógico e sugestões específicas para cada temática explorada.



## SEGUEM ABAIXO ALGUMAS SUGESTÕES GERAIS PARA A UTILIZAÇÃO DO RECURSO PEDAGÓGICO

Consideramos importante preparar um **espaço adequado** para a realização das atividades (sala de aula específica, laboratório, auditório, entre outros), assim como a preparação prévia do grupo para observação e manuseio. Para melhor utilização **dos elementos** que compõem os *kits*, é interessante **formar pequenos grupos** em torno de cada um. Os participantes poderão se revezar para o contato com os diferentes componentes e **trocar experiências**, no segundo momento.

Estimular a **observação** do conjunto de elementos que compõe a **maquete** como um todo, assim como os seus detalhes, a partir de diferentes ângulos de visão (observar de pé, agachados, com os olhos na altura das maquetes, por todos os lados, mais próximo e mais distante, estabelecendo **comparações** entre as maquetes e os objetos arqueológicos).

Cada maquete representa **o recorte de uma cena**, dessa maneira é interessante refletir com o grupo sobre o conceito de **representação**, o que é uma maquete, como trabalhar com as **proporções** utilizadas e como, a partir de um **contexto** específico apresentado, podemos expandir para outras discussões, tanto mais amplas como regionais.

**As representações nas maquetes não seguem uma escala absoluta. Buscamos trabalhar com uma proporção entre os elementos que as compõem e ressaltamos alguns deles para fins didáticos.**

Procurar refletir com os grupos como os arqueólogos chegaram às **interpretações** dos modos de vida de populações a partir das **pesquisas** realizadas.

Sugerimos que as maquetes sejam exploradas individualmente e de forma comparativa, levantando questões que evidenciem a articulação proposta pelo conjunto. É importante que as hipóteses sejam apresentadas de maneira argumentativa pelos participantes.

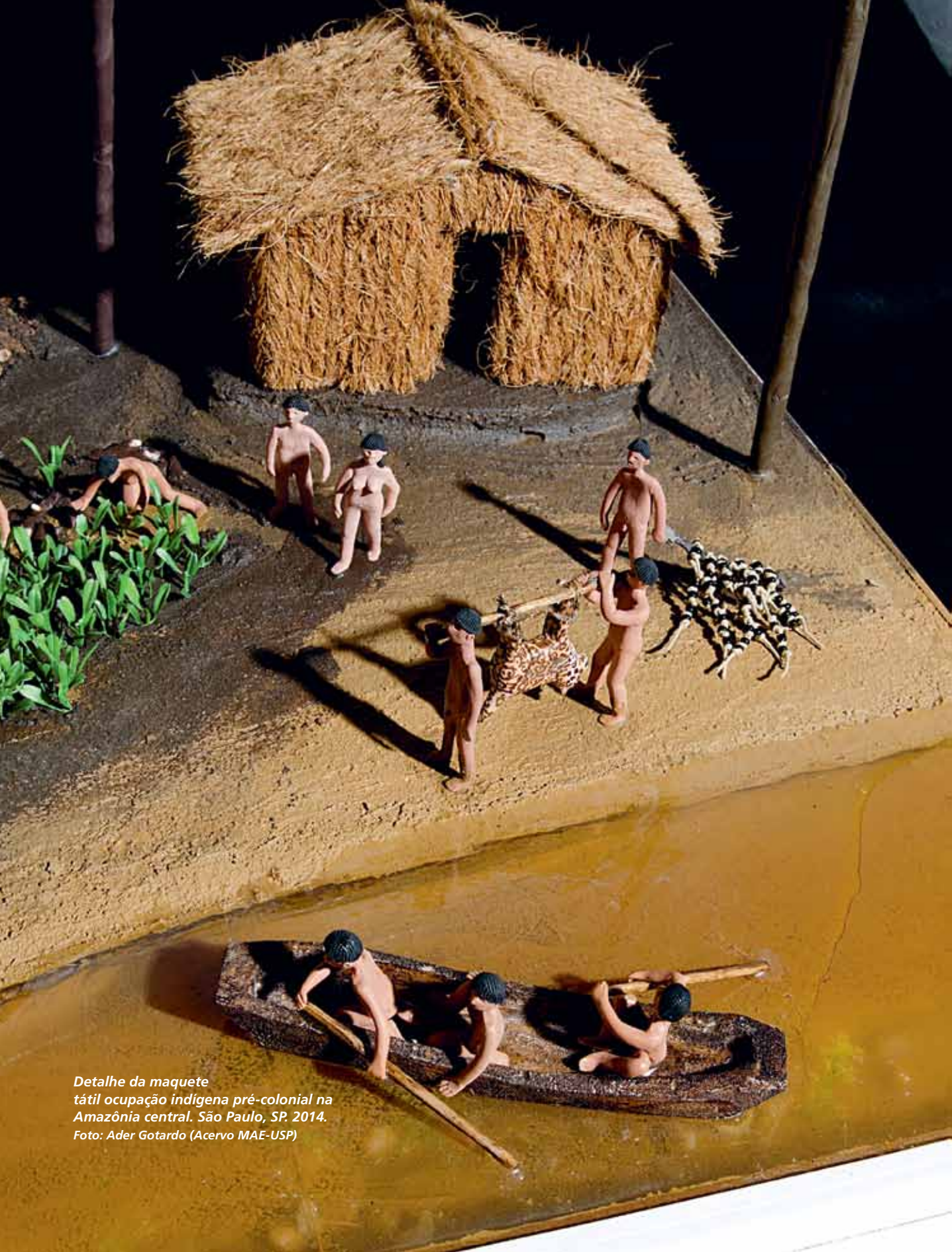
No que se refere à **caixa de objetos**, essa possui artefatos arqueológicos originais que se relacionam com a temática abordada. Esses objetos, pertencentes à categoria **cultura material**, estimulam o contato do público com os acervos pesquisados, além de possibilitar diferentes leituras sobre os grupos que os produziram e os utilizaram.

Propomos como dinâmica uma roda com os participantes para observação, manuseio e interpretação dos objetos a partir do levantamento de hipóteses. Passar todos em um mesmo sentido e após a dinâmica conversar sobre cada um, tendo como ponto de partida as sugestões de questões presentes no roteiro de observação.

## ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO DAS MAQUETES E OBJETOS

- Qual tipo de matéria-prima é utilizada na confecção desses objetos? Qual a origem dessa matéria-prima?
- Qual técnica de confecção foi empregada? Foi feito à mão ou à máquina?
- Esse objeto está finalizado ou em processo de confecção? Por quê?
- O objeto está completo? Falta alguma parte? Por quê? Por que não está presente?
- Existe alguma decoração no objeto? De que tipo? Quais informações podem ser levantadas?
- A partir da forma dos objetos é possível identificar as suas funções? Como?
- Existe algum objeto que se aproxima deste analisado no nosso cotidiano? Exemplifique.
- Como esse objeto foi utilizado? Teve outros usos? Quais?
- Quais hipóteses podemos levantar sobre os modos de vida dos grupos que produziram e utilizaram esses objetos?
- Podemos inferir a idade dos objetos a partir das suas características?
- Nas maquetes alguns desses objetos estão representados. Como eles estão sendo produzidos e utilizados? Observe também como esses objetos foram encontrados pelos arqueólogos.
- As funções desses objetos mudaram ao entrar para o acervo do MAE/USP? Como estão sendo utilizados hoje?

**Essas são algumas questões sugeridas, os educadores podem formular outras a partir dos seus objetivos e dos interesses dos participantes. Sugerimos também a leitura do Roteiro de Observação presente nos Guias Temáticos da exposição Formas de Humanidade.**



*Detalhe da maquete  
tátil ocupação indígena pré-colonial na  
Amazônia central. São Paulo, SP. 2014.  
Foto: Ader Gotardo (Acervo MAE-USP)*

# KIT EDUCATIVO DAS CASAS SUBTERRÂNEAS

9



**Carla Gibertoni Carneiro**  
**Judith Mader Elazari**  
**Márcia Lika Hattori**  
**Maurício André da Silva**



Este *kit* educativo é composto por:

**1) Maquete 1 – “Maquete tátil da área externa das casas subterrâneas”**

Apresenta o panorama de um território com a presença de estruturas subterrâneas com diferentes atividades relacionadas aos grupos indígenas que ocupavam essas regiões.

**2) Maquete 2 – “Maquete tátil do interior da casa subterrânea”**

Apresenta o interior de uma estrutura subterrânea com atividades cotidianas relacionadas a essas construções.

**3) Caixa com objetos arqueológicos**

Composta por lâminas de machado polido; conjunto de lascas de pedra lascada, virote polido e fragmentos de cerâmicas. Esses artefatos foram produzidos e utilizados por grupos indígenas no contexto das estruturas subterrâneas e entorno. Eles estão representados nas atividades das maquetes.

**1 – Lâminas de machado polido**

- Matéria-prima: basalto
- Técnica de produção: lascamento e polimento
- Utilização: corte de árvores, produção de roçados, uso cerimonial, entre outros.

## **2 – Conjuntos de lascas de pedra lascada**

- Matéria-prima: basalto
- Técnica de produção: lascamento
- Utilização: diferentes atividades de corte, lascas resultantes da produção de outras ferramentas a partir do lascamento

## **3 – Virote polido**

- Matéria-prima: granito
- Técnica de produção: lascamento e polimento
- Utilização: ponta de projétil, derrubada de pássaros e outros animais

## **4 – Fragmentos de cerâmica**

- Matéria-prima: argila
- Técnica de produção: acordelado – produção de roletes de argila a partir do pressionamento dos mesmos sobre uma superfície lisa. Sobreposição dos roletes e o posterior acabamento
- Utilização: armazenar líquidos, cozinhar, ritual, entre outros

O *kit* educativo das casas subterrâneas é composto por maquetes e objetos que apresentam um contexto de ocupação com estruturas subterrâneas. Essas casas foram construídas em grande parte no Sul do País. A maioria localiza-se a partir do planalto sul-rio-grandense e catarinense, passando pelas áreas altas do Paraná e sudoeste de São Paulo. As maquetes exploram o conjunto de características que podem ser encontradas nesse amplo território, evidenciando soluções que algumas populações indígenas desenvolveram para se relacionar com o meio ambiente. A caixa com objetos arqueológicos possibilita uma amostragem da cultura material produzida por esses grupos evidenciando diferentes atividades.

## EXPLORANDO AS MAQUETES

Maquete 1 – Maquete tátil da área externa das casas subterrâneas



Explorar o meio ambiente onde essas estruturas subterrâneas estão inseridas. Sugerir aos participantes que façam uma pesquisa sobre esse espaço a partir da vegetação presente na maquete (especialmente as araucárias). Estimular uma discussão acerca da relação entre ambiente e esse processo de ocupação específico. Refletir sobre hoje, pesquisando quais mudanças ocorreram nessas paisagens da Região Sul do País? (incluindo o sul do Estado de São Paulo). Atualmente essas estruturas são reutilizadas? De que forma?

Observar as pessoas representadas na maquete realizando as atividades nas áreas do entorno das estruturas subterrâneas. Identificar as atividades e discutir aspectos do cotidiano dessas populações.

Sugerir aos participantes a exploração da paisagem onde vivem. Esse lugar integra as casas, os caminhos, a vizinhança, o bairro, os animais, a vegetação (ou a falta dela), o relevo, etc. Articular esses elementos com as possibilidades de ocupação do seu bairro, da sua cidade e da região.

*Imagem da maquete tátil da área externa das casas subterrâneas.*  
Foto: Ader Gotardo  
(Acervo MAE-USP)

Realizar uma pesquisa sobre os grupos indígenas que vivem atualmente nessas regiões, como os Xokleng e os Kaingang. Discutir sobre padrões de ocupação que revelem aspectos de continuidade ou mudança dessas populações com os grupos indígenas mais antigos. Um caminho interessante para o desenvolvimento desse trabalho pode ser a pesquisa a partir dos troncos linguísticos, comparando os estudos arqueológicos com as pesquisas sobre os grupos indígenas contemporâneos (estudos etnológicos, linguísticos).

### Maquete 2 – Maquete tátil do interior da casa subterrânea



*Imagem da maquete tátil do interior da casa subterrânea.*

*Foto: Ader Gotardo (Acervo MAE-USP)*

Observar a estrutura da “casa” e apresentar as atividades que são realizadas no seu interior. Quais elementos contribuem com a hipótese de que essas estruturas subterrâneas teriam a função de habitação? Por quê?

Refletir sobre as atividades que estão ocorrendo no interior da casa. Essas atividades são semelhantes às que realizamos hoje em nossa casa? Como lidamos com as atividades domésticas. Discutir sobre a divisão do trabalho em diferentes grupos culturais.

As casas subterrâneas trazem reflexões sobre o cotidiano dos grupos indígenas falantes do tronco linguístico Jê. Atualmente, como vivem alguns desses grupos? Estimular uma pesquisa sobre a questão das terras indígenas hoje no Brasil: como elas são demarcadas, os conflitos, as dinâmicas relacionadas aos modos de vida tradicionais, entre outros.

A partir das maquetes realizar com os participantes uma investigação sobre diferentes tipos de habitações em grupos culturais distintos. Estabelecer comparações e diferenças entre as mesmas. Refletir como uma habitação pode apresentar diferentes modos de organização social.

Investigar como as casas subterrâneas foram construídas. Imaginar sobre o trabalho, o tempo e o material empregado para a sua construção. Pesquisar os diferentes tipos de habitações indígenas contemporâneas e as suas diferenças de acordo com o grupo cultural a que pertencem, assim como a região geográfica.

Hoje, como são construídas as habitações de distintos grupos culturais em diversas regiões? Há diferenças nos tipos de casas? Dê exemplos. Escolher algumas dessas e pesquisar sobre os processos de construção. Propor uma comparação entre elas.

## CAIXA COM OBJETOS ARQUEOLÓGICOS

A partir da investigação da caixa de objetos, solicitar aos participantes que reflitam sobre as diferentes produções e usos de cada um. Todos os objetos arqueológicos da caixa estão finalizados? Quais outros usos podem ser atribuídos a esses artefatos?

Além desses objetos apresentados, os grupos indígenas utilizavam outros artefatos? Quais? Por que não estão aqui representados?

Pesquisar sobre as tecnologias empregadas na confecção dos objetos da caixa (lascamento, polimento, acordelamento). Refletir sobre o impacto da tecnologia ao longo da história da humanidade.

Realizar uma investigação sobre esses objetos arqueológicos e relacionar quais são utilizados por nós e possuem a mesma função. Pesquisar sobre o processo de produção de um desses na atualidade, analisando todo o seu processo de confecção, desde a obtenção da matéria-prima até a sua utilização.





*Detalhe da maquete tátil  
de parte do setor da produção  
de louças da antiga Fábrica Santa  
Catharina. São Paulo, SP. 2014.  
Foto: Ader Gotardo (Acervo MAE-USP)*

# KIT EDUCATIVO DE ARQUEOLOGIA URBANA

10



**Carla Gibertoni Carneiro**  
**Judith Mader Elazari**  
**Márcia Lika Hattori**  
**Maurício André da Silva**



Esse *kit* educativo é composto por:

**1) Maquete 1 – “Maquete tátil de parte do setor da produção de louças da antiga Fábrica de Louças Santa Catharina”**  
Reconstitui o seu funcionamento a partir de registro fotográfico, da década de 1930.

**2) Maquete 2 – “Maquete tátil de uma escavação em um sítio arqueológico urbano”**  
Região onde se localizava a antiga Fábrica de Louças Santa Catharina (Bairro da Lapa – Cidade de São Paulo).

**3) Maquete 3 – “Maquete tátil volumétrica da antiga Fábrica de Louças Santa Catharina”**  
Apresenta o seu entorno e a dimensão que ocupava no bairro.

**4) Maquete 4 – “Maquete tátil volumétrica da região atual, onde se encontrava a Fábrica de Louças Santa Catharina”**  
Reocupado por casas e condomínios.

### **Caixa com objetos arqueológicos**

#### **1 - Pires**

Matéria-prima: faiança fina (biscoito)

Técnica de produção: colagem

#### **2 - Prato raso**

Matéria-prima: faiança fina (biscoito)

Técnica de produção: colagem; decoração com motivo trigal

#### **3 - Tigela decorada**

Matéria-prima: faiança fina (biscoito)

Técnica de produção: colagem; decoração com motivo floral, pintado à mão livre

#### **4 - Tigela**

Matéria-prima: faiança fina (biscoito)

Técnica de produção: colagem

#### **5 - Caneca**

Matéria-prima: faiança fina (biscoito)

Técnica de produção: colagem

#### **6 - Xícara decorada**

Matéria-prima: faiança fina

Técnica de produção: colagem; decoração com motivo floral, pintado à mão livre

#### **7 - Trempe**

Matéria-prima: faiança fina

Técnica de produção: molde

Utilização: apoiador para a queima da cerâmica no interior de caixas refratárias empilhadas no forno da fábrica

Esse *kit* educativo de arqueologia urbana possibilita ao educador abordar as pesquisas arqueológicas que são desenvolvidas na cidade de São Paulo e as diferentes interpretações que podemos realizar sobre o passado a partir de vestígios materiais e de outros tipos de documentos (fotografias, reportagens de jornais de época, documentos escritos, entre outros), além dos desafios metodológicos de realizar escavações no meio urbano. As maquetes e a caixa de objetos arqueológicos possibilitam outro olhar para o século 20, para compreender as transformações e permanências dos costumes e hábitos da população. Permitem também a construção de outras histórias, como as relacionadas ao modo de vida operário.

## EXPLORANDO AS MAQUETES

### Maquete 1 – Maquete tátil de parte do setor da produção de louças da antiga Fábrica Santa Catharina



Observar os operários (roupas, gênero, idade, etc.), identificar as atividades que estão ocorrendo e estabelecer qual a relação existente com a produção da fábrica de modo geral? Identificar o tipo de produção da fábrica e pesquisar a respeito. Como esse tipo de produção acontece hoje? Haveria momentos de descanso durante a jornada de trabalho? Como seriam?

Propor uma reflexão sobre a presença de crianças e mulheres na fábrica. Estabelecer relações com os trabalhos desenvolvidos atualmente nesses espaços. Houve mudanças? O que permanece igual? As crianças teriam tempo para brincar? As crianças realizavam os mesmos trabalhos que os adultos? Com relação às mulheres, havia uma divisão de trabalho?

A produção de objetos em faiança fina buscou mudar os hábitos das populações da cidade de São Paulo. O que motivou essa transformação? Pesquisar e refletir como eram realizadas as refeições antes e após a adoção desses objetos. Será que todos os adotaram de imediato? Investigar como as populações humanas foram alterando a maneira de se alimentar (gestos, utensílios, hábitos, dietas) ao longo do tempo. Atualmente, que tipos de objetos utilizamos e de quais matérias-primas?

*Imagem da maquete tátil de parte do setor da produção de louças da antiga Fábrica Santa Catharina.  
Foto: Ader Gotardo  
(Acervo MAE-USP)*

A partir da observação dessa maquete solicitar que escolham um operário e/ou uma atividade para inventar uma história a respeito. Como deveria ser o cotidiano desse indivíduo?

### Maquete 2 – Maquete tátil de uma escavação em um sítio arqueológico urbano



*Imagem da maquete tátil de uma escavação em um sítio arqueológico urbano.*

*Foto: Ader Gotardo (Acervo MAE-USP)*

Identificar as atividades que estão acontecendo na escavação arqueológica. Pesquisar os diferentes procedimentos de uma pesquisa de campo (ferramentas de trabalho, métodos, escavação, registro fotográfico, desenho de perfil, entre outros).

Fazer uma reflexão sobre a necessidade de equipamentos e métodos específicos para a realização de uma escavação arqueológica na cidade (como, por exemplo, uma retroescavadeira para a retirada das camadas de concreto e asfalto). Dar outros exemplos. Pesquisar como as escavações são realizadas em outras áreas (rurais, litoral, floresta, subaquática, entre outras).

Investigar como as estruturas de fundação da antiga Fábrica de Louças Santa Catharina foram evidenciadas. A forma como a escavação foi realizada (algumas trincheiras) poderia fornecer informações suficientes para compreender a composição total do prédio? Por quê? Foram evidenciados outros achados arqueológicos? Quais?

Refletir sobre as diferentes etapas de ocupação de uma cidade. O que pode existir abaixo do asfalto? Quais evidências de outras ocupações poderíamos encontrar? Buscar outros locais da cidade em que foram realizadas pesquisas arqueológicas.

**Maquete tátil volumétrica da antiga Fábrica de Louças Santa Catharina e seu entorno e maquete tátil volumétrica da região atual, onde se encontrava a Fábrica de Louças Santa Catharina**



Colocar as duas maquetes lado a lado e observar as mudanças que aconteceram na região ao longo do tempo. O que aconteceu com o terreno da Fábrica? As casas do bairro hoje estão localizadas em qual setor da antiga Fábrica de Louças Santa Catharina?

Propor a confecção de uma planta baixa da maquete do prédio antigo da fábrica e outra do espaço atual ocupado pelas habitações. Comparar as duas plantas para observar as transformações no espaço. Sugerir a confecção em papel vegetal para que possa haver a sobreposição das plantas.

Refletir com os participantes se sabem o que existia no terreno onde foi construída a casa deles? E no seu bairro, também ocorreram muitas mudanças ao longo do tempo? De quais tipos?

Como era o cotidiano das pessoas que moravam perto da Fábrica naquela época? Quais sons elas ouviam, quais cheiros sentiam? E hoje, quais devem ser as sensações de quem vive na região?

Quem morava próximo à fábrica? E atualmente, houve uma mudança no perfil socioeconômico do bairro?

Realizar uma entrevista com os pais, avôs e vizinhos para que descubram outras histórias sobre o bairro em que moram. Estimular a realização de entrevistas com ex-operários de alguma fábrica da região.

*Maquete tátil volumétrica da antiga Fábrica de Louças Santa Catharina e seu entorno e maquete tátil volumétrica da região atual, onde se encontrava a Fábrica de Louças Santa Catharina. São Paulo, SP. 2014. Foto: Ader Gotardo (Acervo MAE-USP)*

Sugerir que os participantes saiam para pesquisar os arredores do quarteirão de suas escolas (ou outra instituição significativa). Fazer a planta baixa em escala e produzir uma maquete a partir desse levantamento. Como forma de apropriação pode-se propor a construção desse mesmo lugar com as características que cada um considera ideal.

## CAIXA DE OBJETOS ARQUEOLÓGICOS

A partir da investigação da caixa de objetos, pedir que os participantes pensem nos diferentes usos de cada um dos artefatos. Como seriam os hábitos alimentares antes da invenção e uso desses objetos? Quais outros usos podem ser atribuídos a esses utensílios?

Refletir sobre a forma da tigela (malga). Quais os usos que eram atribuídos a essa peça? Atualmente, qual objeto se aproxima dessa forma, por quê?

Todos os objetos arqueológicos da caixa estão finalizados? Justificar sua resposta por escrito e por desenho comparativo (os acabados e os não acabados).

Solicitar aos participantes que investiguem em casa objetos antigos e colem as histórias dos mesmos com os pais e avôs, vizinhos, entre outros. Explorar essas histórias com o grupo a partir de diferentes linguagens, tais como teatralização, redação de crônicas, contação de histórias, oficinas de desenho, fotografia, escultura, entre outras.

Quais outras fontes além da cultura material poderiam ser utilizadas para ampliar as interpretações sobre os períodos e assuntos abordados pelo *kit*? (documentários, literatura, música, reportagens de jornais, almanaques, documentos históricos, fotografias, entre outras).

# KIT EDUCATIVO DA AMAZÔNIA CENTRAL

11



**Carla Gibertoni Carneiro**  
**Judith Mader Elazari**  
**Márcia Lika Hattori**  
**Maurício André da Silva**



Este *kit* educativo é composto por:

**1) Maquete 1 – “Maquete tátil ocupação indígena pré-colonial na amazônia central”**

Representação do modo de vida de um grupo indígena pré-colonial na região da amazônia central.

**2) Maquete 2 – “Maquete tátil comunidade ribeirinha na amazônia central”**

Representação de uma comunidade atual, que ocupa a mesma região dos povos pré-coloniais, evidenciando uma intensa relação com os sítios arqueológicos.

**3) Caixa com objetos arqueológicos – fragmentos cerâmicos da amazônia central**

**1 - Fragmento de artefato arqueológico – cultura manacapuru**

- Matéria-prima: pasta de argila (mistura de argila com antiplástico para não estourar durante a queima)
- Técnica de produção: acordelado – produção de roletes de argila a partir do pressionamento dos mesmos sobre uma superfície lisa. Sobreposição dos roletes, posterior acabamento e queima ao ar livre. A cerâmica da fase manacapuru possui cauxi como antiplástico e vasos com formas variadas que têm em comum uma modificação plástica nas bordas e flanges labiais, que servem como suporte para aplicação da decoração (desenhos geométricos).



## **2 - Fragmento de estatueta – cultura manacapuru**

- Matéria-prima: pasta de argila (mistura de argila com antiplástico para não estourar durante a queima)
- Técnica de produção: modelagem, que consiste na construção de formas cerâmicas à mão livre. Decoração realizada a partir de várias técnicas, estatuetas geralmente com formatos zoomorfos (formas de animais da região).
- Utilização: provavelmente utilizada em rituais.

## **3 - Fragmento de artefato arqueológico – cultura paredão**

- Matéria-prima: pasta de argila (mistura de argila com antiplástico para não estourar durante a queima), geralmente na cor alaranjada.
- Técnica de produção: acordelado – produção de roletes de argila a partir do pressionamento dos mesmos sobre uma superfície lisa. Sobreposição dos roletes e o posterior acabamento (alisamento e polimento). A cerâmica da fase paredão possui também cauxi como antiplástico e vasos com formas variadas (vasos com alças, cuias, grandes urnas, largo uso de pedestais). A decoração pintada é mais comum, marcada pelo uso de uma camada de argila (engobo) vermelha e pela composição de pinturas também vermelhas e ou pretas, sempre com linhas finas.

## **4 - Apêndice de artefato arqueológico – cultura paredão**

- Matéria-prima: pasta de argila (mistura de argila com antiplástico para não estourar durante a queima) geralmente na cor alaranjada e fina.
- Técnica de produção: modelagem que consiste na construção de formas cerâmicas à mão livre. Esses apêndices são saliências externas colocadas ao corpo do objeto, podendo ser uma alça, asa, flange ou figuras tridimensionais como a que remete à cara de um morcego. Elas podem ter forma zoomorfa (animais) ou antropomorfas (humana).

## **5 - Carimbo arqueológico – cultura guarita**

- Matéria-prima: pasta de argila (mistura de argila com antiplástico para não estourar durante a queima), geralmente de cor alaranjada.
- Técnica de produção: modelagem que consiste na construção de formas cerâmicas à mão livre.
- Utilização: provavelmente utilizado para fazer pintura corporal.

## **6/7/8 - Fragmentos de artefatos arqueológicos - cultura guarita**

- Matéria-prima: pasta de argila (mistura de argila com antiplástico para não estourar durante a queima).

- Técnica de produção: acordelado – produção de roletes de argila a partir do pressionamento dos mesmos sobre uma superfície lisa. Sobreposição dos roletes e o posterior acabamento. Essa cerâmica é caracterizada pela sua decoração policroma (base branca com desenhos em preto e vermelho), pela presença de flanges mesiais (espécie de lábios decorados no meio do vaso).

O kit educativo da Amazônia central permite aos educadores trabalhar sobre os diferentes povos que ocuparam essa região (Amazônia central, município de Iranduba – localizado na margem direita do Rio Negro, próximo a Manaus). Possibilita, também, refletir sobre os processos de continuidade e mudança enfrentados por diferentes grupos ao longo do tempo. A floresta amazônica permeia o imaginário da população em geral e a sua história de ocupação é antiga, rica e diversa.

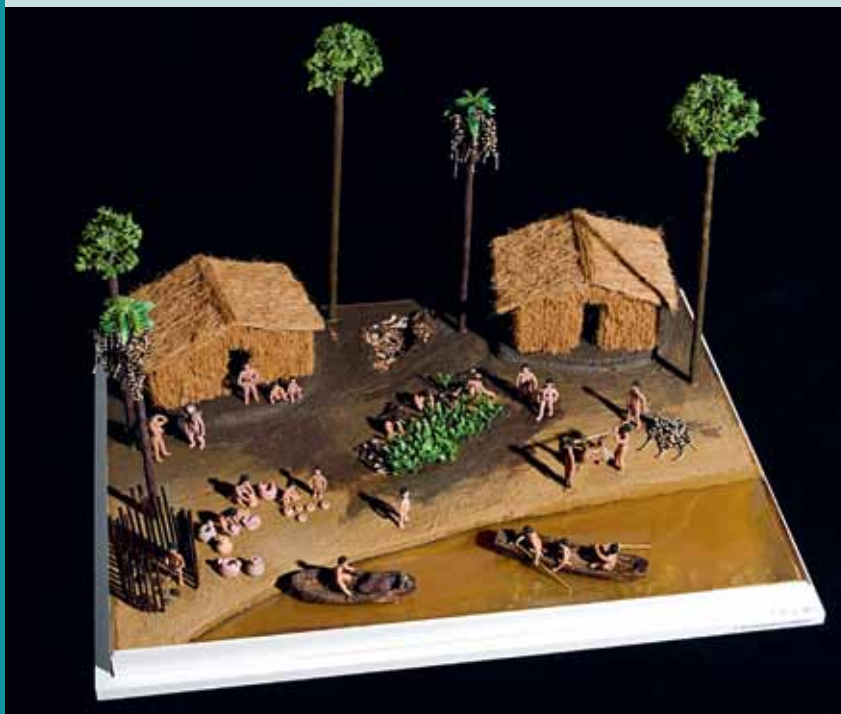
A caixa com objetos arqueológicos evidencia diferentes tipos de fragmentos de objetos cerâmicos que representam a diversidade cultural local ao longo do tempo.

*Imagem da maquete tátil ocupação indígena pré-colonial na Amazônia central.*

*Foto: Ader Gotardo (Acervo MAE-USP)*

## EXPLORANDO AS MAQUETES

### Maquete 1 – Maquete tátil ocupação indígena pré-colonial na Amazônia central



Discutir sobre o modo de vida das populações indígenas e as suas relações com o entorno. Observar as diferentes atividades realizadas pelos indígenas na maquete. Chamar a atenção para o grupo de mulheres (ceramistas) produzindo diferentes utensílios; para o trabalho de plantio de mandioca; para a chegada de diferentes tipos de caça à aldeia (capivara e onça); para a criação de tartarugas para a alimentação.

Identificar a localização das moradias e discutir com os participantes a elevação de terra (montículos) criada para a construção das mesmas. Refletir sobre o motivo dessas elevações.

Chamar a atenção para a lixeira entre as duas casas e os tipos de materiais que são descartados. Trabalhar as diferentes colocações da terra e quais processos fazem com que fique escura (preta) formando a conhecida *terra preta de índio*.

Refletir sobre a representação dos indígenas na maquete. Trabalhar sobre a opção de não ter colocado as pinturas corporais, adornos, vestimentas. Discutir os alcances e limites das interpretações arqueológicas.

Imagem da maquete tátil  
"Comunidade ribeirinha  
na Amazônia central".

Foto: Ader Gotardo  
(Acervo MAE-USP)

### Maquete 2 – Maquete tátil “comunidade ribeirinha na Amazônia central”



Discutir sobre o modo de vida das populações ribeirinhas na Amazônia no presente. Chamar a atenção para os detalhes na maquete que evidenciam esses aspectos.

Imaginar como deve ser viver em cima de sítios arqueológicos. Quais relações essas populações devem estabelecer com esses vestígios? Identificar na maquete em que locais estão aflorando os vestígios cerâmicos. Pesquisar em quais outras regiões as populações contemporâneas moram próximas a sítios arqueológicos.

Como a população local deve proceder quando encontra vestígios arqueológicos no local onde moram? Pesquisar a legislação patrimonial brasileira.

Discutir sobre o espaço em que os arqueólogos estão realizando suas pesquisas. Como deve ser a pesquisa nessa região? Qual a importância desses estudos? Quais relações os pesquisadores devem estabelecer com os moradores locais?

Refletir sobre o papel da religião nesse contexto. Pesquisar sobre a presença das igrejas nas comunidades ribeirinhas.

Propor um trabalho sobre diferentes tipos de habitações. Discutir a partir das duas maquetes como os povos indígenas e como as populações ribeirinhas construíram suas casas. Fazer um levantamento sobre diferentes tipos de habitações indígenas hoje e sobre as habitações ribeirinhas.

Trabalhar as diferenças na coloração da terra geradas ao longo do tempo pelas populações locais. Pesquisar o que provoca essas alterações.

Trabalhar as diferenças nas representações entre as duas maquetes, com ênfase na vegetação. Quais foram as mudanças e continuidades ao longo do tempo? Chamar a atenção para as árvores de açaí, para as castanheiras, para os pés de mamão e de laranja. Estimular uma pesquisa sobre os alimentos que são originários da América e de outros continentes presentes na nossa alimentação.

## **CAIXA COM OBJETOS ARQUEOLÓGICOS — “FRAGMENTOS CERÂMICOS DA AMAZÔNIA CENTRAL”**

Analisar as diferentes formas e decorações dos fragmentos cerâmicos. Trabalhar como a partir de fragmentos os arqueólogos podem obter diferentes tipos de informações (matérias-primas, técnicas de confecção, usos), podendo reconstituir a forma original do objeto.

A partir do manuseio, investigar os diferentes tipos de pastas (argila) utilizadas para a confecção das peças, assim como a sua

espessura, aspereza, etc. Pesquisar sobre as misturas na argila (tempero) para a qualidade da queima e resistência.

Explorar a decoração de cada fragmento. Identificar as diferentes representações (figuras, cores, texturas, acabamentos, entre outros). Pesquisar sobre as possíveis referências para a escolha dessas representações.

No nosso cotidiano utilizamos objetos para as mesmas funções com diferentes características. O que condiciona as escolhas de diferentes materiais, acabamentos, decorações dos objetos? Dê exemplos.

Chamar a atenção para o carimbo. Quais as possibilidades de uso desse objeto entre as populações indígenas? Pesquisar outras culturas que também o utilizam. Possuem as mesmas funções?

Pesquisar a produção atual da cerâmica entre grupos tradicionais. Refletir sobre quem a produz, quais técnicas são empregadas, para quais usos, qual a distribuição, quais semelhanças e diferenças entre a produção indígena, entre outros aspectos.

# KIT EDUCATIVO DE LAGOA SANTA

12



**Carla Gibertoni Carneiro**  
**Judith Mader Elazari**  
**Márcia Lika Hattori**  
**Maurício André da Silva**



Esse *kit* educativo é composto por:

**1) Maquete 1 – “Maquete tátil dos rituais funerários Lapa do Santo”**

Apresenta uma interpretação do ritual funerário que ocorria há aproximadamente 8 mil anos, no abrigo.

**2) Maquete 2 – “Maquete tátil da escavação arqueológica Lapa do Santo”**

Apresenta uma escavação abordando as diferentes práticas de campo realizadas pelos arqueólogos.

**3) Gravura rupestre e relevo**

Placa de ardósia representando a gravura rupestre, de mais de 10 mil anos<sup>1</sup>, encontrada no nível mais baixo do sítio arqueológico.

**4) Representação de um sepultamento humano Lapa do Santo**

Sepultamento humano encontrado durante a escavação do sítio arqueológico, datado entre 10.700 a 10.500 anos AP (antes do presente)

Esse *kit* educativo sobre as pesquisas no sítio arqueológico Lapa do Santo, região de Lagoa Santa - Minas Gerais, possi-

<sup>1</sup> Gravura conhecida como “o taradinho”. Essa gravura foi datada a partir de uma estrutura de fogueira que estava alguns níveis acima. Realizada por radiocarbono C14, com a datação de 10.200 anos AP, (antes do presente), dessa forma interpretou-se que a gravura é mais antiga do que a fogueira.

ibilita ao educador abordar os trabalhos arqueológicos que são desenvolvidos nessa região e o contexto das primeiras ocupações humanas no continente americano. Destacamos as diferentes interpretações que podemos realizar sobre o passado a partir dos rituais funerários e remanescentes humanos encontrados.

Os materiais que compõem este *kit* educativo permitem, entre outros aspectos, uma reflexão sobre o universo simbólico e ritual dos grupos paleoíndios. Possibilitam pensar também na nossa própria sociedade e os diferentes rituais que são praticados por distintas religiosidades ou grupos culturais.

**Paleoíndio refere-se às primeiras populações que ocuparam esse território, vinculados ao período anterior a 8 mil anos AP (antes do presente).**

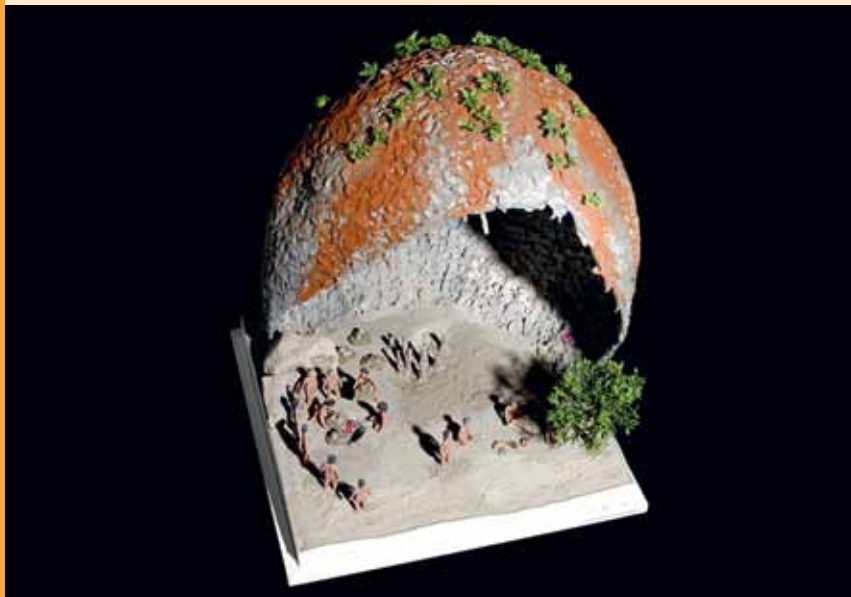
*Imagem da maquete tátil dos rituais funerários Lapa do Santo.  
Foto: Ader Gotardo (Acervo MAE-USP)*

Seguem algumas orientações gerais para a sua utilização.

## EXPLORANDO AS MAQUETES

Observar o espaço representado pela maquete. Quais elementos compõem essa paisagem? O que caracteriza a ocupação humana nesse espaço?

### Maquete 1 – Maquete tátil dos rituais funerários Lapa do Santo



Identificar na maquete as diferentes formas de comunicação realizadas pelos grupos, como no caso da pintura e da gravura rupestres. É possível afirmar que essas serviam para passar alguma mensagem? Quais outros significados poderíamos imaginar?

Chamar a atenção para a atividade de lascamento de pedras que está sendo realizada. Pesquisar sobre as técnicas de confecção dos artefatos líticos. Quais ferramentas eles devem estar produzindo? De onde eles retiravam essa matéria-prima?

Chamar a atenção para o sepultamento. Observar e descrever como está sendo realizado. Refletir como as diferentes sociedades ao longo do tempo enterraram seus mortos. Sugerimos a observação das pessoas (gênero, idade, indumentária e suas possíveis relações com os diferentes papéis sociais) que compõem a cena do ritual funerário. Identificar as atividades que estão ocorrendo relacionando-as com a cerimônia funerária.

Você tem conhecimento sobre as pesquisas arqueológicas relacionadas a Luzia (região de Lagoa Santa – Minas Gerais)? Pesquisar a respeito.

Refletir sobre a representação dos sujeitos na maquete e descrever suas características físicas.

Discutir sobre as formas de se relacionar com a morte e os rituais funerários de diferentes grupos culturais hoje. Todas as cren-

*Imagem da maquete tátil da escavação no sítio arqueológico Lapa do Santo.*

*Foto: Ader Gotardo (Acervo MAE-USP)*

### Maquete 2 – Maquete tátil da escavação no sítio arqueológico Lapa do Santo





ças e religiosidades realizam o mesmo ritual funerário? Sugira uma discussão sobre a diversidade das práticas e crenças funerárias. Todas elas são valorizadas e respeitadas pela sociedade em geral?

Identificar as diferentes atividades que estão ocorrendo na escavação arqueológica. Explorar os diversos procedimentos (escavação, registro fotográfico, desenho de perfil, entre outros).

Discutir com o grupo os equipamentos que estão sendo utilizados na pesquisa arqueológica e como auxiliam no levantamento de interpretações daquele lugar.

Observar o perfil da escavação e as camadas estratigráficas, o que podemos compreender a partir delas? O que diferencia as camadas? Do que elas são compostas? Colocar as duas maquetes lado a lado e descrever as mudanças que aconteceram na região ao longo do tempo.

Pesquisar sobre o processo de formação de cavernas e abrigos. Você sabe se existem algumas dessas formações próximas a sua região? E no Brasil?

*Placa de gravura rupestre em ardósia. São Paulo, SP. 2014. Foto: Ader Gotardo (Acervo MAE-USP)*

## PLACA DA GRAVURA RUPESTRE

Esse suporte foi produzido em uma placa de ardósia e em alto-relevo para representar uma das gravuras rupestres mais antigas

Placa de Gravura Rupestre



das Américas encontrada no sítio Lapa do Santo. Trata-se de uma representação de figura humana (antropomorfa) encontrada a 4 metros de profundidade do solo e foi produzida entre 9,5 mil e 10,4 mil anos atrás. A figura possui 30 cm de comprimento (da cabeça aos pés), 20 cm de largura e foi produzida pela técnica chamada picoteamento. Representações similares são encontradas em outras partes do abrigo rochoso e também em outros sítios arqueológicos da região.

Analisar a gravura rupestre a partir do tato e por diferentes ângulos de visão. Como foi produzida a gravura? O que é possível identificar? Pesquisar outros sítios rupestres e os diferentes registros que são encontrados. E as pinturas rupestres, como são realizadas? A partir de quais materiais?

E na nossa sociedade? Que símbolos ou figuras são utilizados para representar grupos, culturas, territórios?

### SUPORTE COM O SEPULTAMENTO HUMANO

*Para o arqueólogo, remanescentes humanos são verdadeiros diários da pessoa. Os dentes e ossos se tornam verdadeiras páginas que relatam a vida e a morte dos indivíduos.*

Site do Itaú Cultural ([www.itaucultural.org.br/arqueologia](http://www.itaucultural.org.br/arqueologia))

*Representação de um sepultamento humano. São Paulo, SP 2014.*

*Foto: Ader Gotardo (Acervo MAE-USP)*

#### Suporte com sepultamento humano



Esse suporte representa um dos sepultamentos humanos encontrados durante as escavações na Lapa do Santo. Há um padrão na forma de enterrar que atesta uma ênfase na manipulação do corpo, sendo que as remoções das partes eram feitas com o esqueleto logo após o falecimento.

No caso representado, temos um crânio adulto que tem no interior ossos de uma criança. O sepultamento foi datado de aproximadamente 8.500 anos atrás.

Buscar uma aproximação com a nossa forma de enterrar os mortos. Há uma forma única de enterrar? Há algum tipo de manipulação do corpo? Por exemplo, atualmente algumas pessoas preparam o morto antes do enterro, seja no vestuário, na preparação do corpo, etc.?

O que podemos conhecer sobre uma cultura a partir da sua relação com os mortos? Por quê?

A partir da observação do sepultamento, é interessante discutir as especificidades do ritual funerário. Qual poderia ser a relação entre a criança e o adulto? Quais tipos de técnicas de pesquisa podem ser usadas para identificar essas relações? O que isso pode significar? Por que a humanidade sempre se interessou pela morte? Como a arqueologia contribui para entendermos esses processos?

Qual a importância dessas pesquisas para compreensão das origens da ocupação humana na América, considerando as interpretações geradas pelas maquetes?

# REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AFONSO, Marisa Coutinho & MORAIS, José Luiz. Estudo de uma 'casa subterrânea' na Bacia do Rio Ribeira de Iguape, São Paulo. *Pesquisas, Antropologia*, São Leopoldo, n. 58, p. 157-163, 2002.
- FUNARI, Pedro Paulo & PELEGRINI, Sandra. Patrimônio Histórico e Cultural. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- KAMASE, Luciane. Estudo das "casas subterrâneas" e feições doliniformes no Alto Paranapanema (SP). *Pesquisas, Antropologia*, São Leopoldo, n. 58, p. 165-175, 2002.
- LIMA, Tania Andrade. Um passado para o presente: preservação arqueológica em questão. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. (Patrimônio Arqueológico: o desafio da preservação). Brasília: n. 33, 2007.
- MORAES, Claide de Paula. *Arqueologia na Amazônia Central vista de uma perspectiva da região do Lago do Limão*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 2006.
- NEVES, Eduardo Góes. *Sob os tempos do equinócio: oito mil anos de história na Amazônia Central (6.500 a.C. – 1.500 d.C.)*. Tese de Livre-Docência, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 2012.
- NEVES, Walter A e PILÓ, Luís B. O povo de Luzia. Em busca dos primeiros americanos. Editora Globo. São Paulo, SP. 2008.
- SILVA Fabíola A, BESPALZ Eduardo, STUCHI, Francisco. Arqueologia Colaborativa na Amazônia: Terra Indígena Kuatinemu, Rio Xingu, Pará. *Amazônica - Revista de Antropologia*, vol. 3, n. 1, 2011.
- STRAUSS, André M. As práticas mortuárias dos caçadores-coletores pré-históricos da região de Lagoa Santa (MG): um estudo de caso do sítio arqueológico "Lapa do Santo". Dissertação de mestrado. Instituto de Biociências. São Paulo, SP. 2010.
- ROGGE, Jairo Henrique; BEBER, Marcos Vinícius. Arqueologia das Estruturas Subterrâneas no Sul do Brasil. *Tempos Acadêmicos*, v. 11, p. 146-162, 2013.
- VASCONCELLOS, Camilo de Mello. Patrimonio, memoria y educación: una visión museológica. *Memoria y sociedad* 17, Bogotá, n. 35, 2013.

# REFERÊNCIAS GERAIS E ESPECÍFICAS

## SUGESTÕES DE LEITURA PARA O CONJUNTO GERAL DE MAQUETES

### **Arqueologia**

Autor: Pedro Paulo Funari  
Editora Contexto – São Paulo, 2003

### **Conceitos-Chaves de Museologia**

Autores: André Desvallées, François Mairesse  
Armand Colin – São Paulo, 2013

### **A Dação do Objeto: O Museu no Ensino de História**

Autor: Francisco Régis Lopes Ramos  
Editora Argos – 2005

### **Guia Básico de Educação Patrimonial**

Autores: Maria de Lourdes Parreiras Horta, Evelina Grunberg,  
Adriane Queiroz Monteiro  
Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu  
Imperial – Brasília, 1999

### **Os Índios Antes do Brasil**

Autor: Carlos Fausto  
Jorge Zahar Editor – Rio de Janeiro, 2000

### **Índios no Brasil: Histórias, Direitos e Cidadania**

Autora: Manuela Carneiro da Cunha  
Claro Enigma – São Paulo, 2012

### **Patrimônio Cultural Imaterial e Povos Indígenas**

Organizadora: Dominique Tilkin Gallois  
Iepé – 2006

### **Políticas Públicas Culturais de Inclusão de Públicos Especiais em Museus**

Autor: Amanda Pinto da Fonseca Tojal  
Tese de doutorado defendida na Escola de Comunicação e Artes  
(ECA) da Universidade de São Paulo (USP) – São Paulo, 2007

### **Série de Guias Temáticos Formas de Humanidade**

MAE-USP, São-Paulo, 2008

### **A Temática Indígena na Escola: Novos Subsídios para Professores de 1º e 2º Graus**

Autores: Aracy Lopes da Silva, Luís Donisete B. Grupioni  
MEC/Mari/unesco – Brasília, 1995

## WebSites

- [www.iphan.org.br](http://www.iphan.org.br)
- [www.mae.usp.br](http://www.mae.usp.br)
- <http://museudoindio.gov.br/>
- [www.socioambiental.org.br](http://www.socioambiental.org.br)

## SUGESTÃO DE LEITURAS ESPECÍFICAS PARA CADA KIT

### 1 - Maquetes de arqueologia das casas subterrâneas

#### **Arqueologia das Estruturas Subterrâneas do sul do Brasil**

Autores: Jairo Henrique Rogge, Marcus Vinícius Beber  
Revista Tempos Acadêmicos, Dossiê Arqueologia Pré-Histórica, n. 11, Criciúma, Santa Catarina, 2013

#### **Casas Subterrâneas e Feições Doliniformes: Um Estudo de Caso na Bacia do Alto Taquari (SP)**

Autora: Luciana Miwa Kamase  
Dissertação de mestrado defendida no Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE) da Universidade de São Paulo (USP) – São Paulo, 2004

#### **Habitações Indígenas**

Autora: Sylvia Caiuby Novaes  
EDUSP, São Paulo, 1983

#### **Os Caçadores – Ceramistas do Sertão Paulista: Um Estudo Etnoarqueológico da Ocupação Kaingang no Vale do Rio Feio/ Aguapeí**

Autor: Robson Antônio Rodrigues  
Tese de doutorado defendida no Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE) da Universidade de São Paulo (USP) – São Paulo, 2007

### 2 - Maquetes de arqueologia urbana

#### **Louça Branca para a Paulicéia: Arqueologia Histórica da Fábrica de Louças Santa Catharina / IRFM – São Paulo e a Produção de Faiança Fina Nacional (1913-1937)**

Autor: Rafael de Abreu e Souza  
Dissertação de mestrado defendida no Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE) da Universidade de São Paulo (USP) – São Paulo, 2010

#### **Maloqueiros e Seus Palácios de Barro: O Cotidiano Doméstico na Casa Bandeirista**

Autor: Paulo Eduardo Zanettini  
Tese de doutorado defendida no Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE) da Universidade de São Paulo (USP) – São Paulo, 2005

**Mosaico Paulista: Guia do Patrimônio Arqueológico do Estado de São Paulo**

Organização: Camila Azevedo de Moraes Wichers  
Zanettini Arqueologia, São Paulo, 2010

**3 - Maquetes de Arqueologia Amazônica**

**Arqueologia da Amazônia**

Autor: Eduardo Góes Neves  
Editora Jorge Zahar – Rio de Janeiro, 2006

**Arqueologia na Amazônia Central Vista de uma Perspectiva da Região do Lago do Limão**

Autor: Claide de Paula Moraes  
Tese de mestrado defendida no Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE) da Universidade de São Paulo (USP) – São Paulo, 2007

**Sob os Tempos do Equinócio: Oito Mil Anos de História na Amazônia Central (6500 a.C. – 1500 d.C.)**

Autor: Eduardo Góes Neves  
Tese de Livre-docência defendida no Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE) da Universidade de São Paulo (USP) – São Paulo, 2013

**WebSite**

[www.arqueotrop.com.br](http://www.arqueotrop.com.br)

**4 - Maquete de arqueologia da região de Lagoa Santa**

**O Povo de Luzia – Em busca dos primeiros americanos**

Autores: Walter Alves Neves e Luís Beethoven Piló  
Editora Globo – São Paulo, 2008

**Um Esqueleto Incomoda Muita Gente**

Autor: Walter Alves Neves  
Editora Unicamp – Campinas, 2013

**As Práticas Mortuárias dos Caçadores-coletores Pré-históricos da Região de Lagoa Santa (MG): Um Estudo de Caso do Sítio Arqueológico Lapa do Santo**

Autor: André Menezes Strauss  
Dissertação de mestrado defendida no Instituto de Biociências (IB) da Universidade de São Paulo (USP) – São Paulo, 2010

**Rock Art at the Pleistocene/Holocene Boundary in Eastern South America**

Autores: Walter Alves Neves, Astolfo Gomes de Mello Araujo, Danilo Bernardo, Renato Kipnis, James Feathers  
PLoS ONE 7(2): 2012

**A Arte Rupestre no Brasil**

Autora: Maria Dulce Gaspar  
Editora Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 2003





**Projeto Gráfico**

Ricardo Ferreira

**Diagramação**

Marli Santos de Jesus  
Fátima Regina de Souza Lima

**Revisão**

Heleusa Angélica Teixeira

**Tratamento de Imagens**

Leonídio Gomes

**Editoração, CTP, Impressão e Acabamento**

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Formato 19 x 25 cm

Fonte Frutiger e Copperplate Gothic

Papel miolo | Offset 180 g/m<sup>2</sup>  
capa | Offset 240 g/m<sup>2</sup>

número de páginas 88

tiragem 1.000



MUSEU DE  
ARQUEOLOGIA  
E ETNOLOGIA



ISBN 978-85-60984-44-2



9 788560 984442